
Baianada 9
ARTIGOS
TOMO I
PIERRE VERGER
YÀMI OSORONGÀ
MINHA MÃE A FEITICEIRA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verger, Pierre Fatumbi
Artigos / Pierre Verger. -- São Paulo : Corrupio, 1992.

Conteúdo: t. 1 Esplendor e decadência do culto de Ìyàmi Òṣòròngà, minha mãe a feiticeira, entre os Iorubas. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. Contribuição ao estudo dos mercados Nagôs do Baixo Benin / Pierre Verger, Roger Bastide.

1. Candomblés - Brasil 2. Escravos - Comércio - Benin 3. Ìyàmi Òṣòròngà - Culto 4. Iorubas - Religião I. Bastide, Roger. II. Título.

92-2902 CDD-299.6

Indices para catálogo sistemático:
1. Religiões de origem africana 299.6

ARTIGOS

TOMO I

ESPLENDOR E DECADÊNCIA DO CULTO DE ÌYÀMI ÒṢÒRÒNGÀ "MINHA MÃE A FEITICEIRA" ENTRE OS IORUBAS

Pierre Verger

Corrupio

04/03/2016 utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-deca...

ESPLENDOR E DECADÊNCIA DO CULTO DE ÌYÀMI ÒṢÒRÒNGÀ ENTRE OS IORUBAS

"MINHA MÃE, A FEITICEIRA"

Pierre Verger

O presente artigo é baseado em algumas histórias - *ìtàn*[1] -, conhecidas dos babalaôs iorubas (pais ou guardiãos do segredo). Estes contos são transmitidos oralmente de geração em geração, e fazem parte de numerosos textos, repartidos entre os 256 *odù*[2] - signos -, que a partir dos quais os babalaôs fazem a interpretação do ifá, sistema de adivinhação cuja estrutura e mecanismo foram estudados pelo saudoso Bernard Maupoil[3].

A comparação dos textos extraídos da tradição oral atual, com os publicados há uma centena de anos a respeito das religiões iorubas, retirados da mesma fonte, faz com que, muitas vezes, apareçam diferenças. Mas, se alguma destas variações são o resultado de esquecimentos ou do acréscimo de elementos novos, não podemos afirmar, entretanto, que os aspectos de um mito, fixados há um século, sejam mais próximos de sua concepção original que os levantados atualmente. Isto porque a redação dos textos, em qualquer que tenha sido a época, pode estar fundamentada em uma documentação incompleta, em indicações de informantes reticentes, ou ser o fruto de interpretações muito prematuras ou, ainda, refletir muito mais a mentalidade e as crenças do pesquisador que as do povo pesquisado.

O caso das feiticeiras, por exemplo, tem sido abordado muitas vezes mas, parece que a questão de suas relações com as religiões ditas tradicionais não foi sempre corretamente considerada. Parte-se do princípio que a feitiçaria, sendo antisocial em essência, não faz parte das religiões de uma comunidade humana. Esta noção tem a vantagem de ser simples, mas o exame de certos textos recolhidos mostra, ao contrário, que no país ioruba, as atividades das feiticeiras - *àjẹ́* - estão ligadas às das divindades - orixás - e aos mitos da criação do mundo.

Em geral, as *àjẹ́* não têm boa reputação naquele país como as *jogadoras de sortilégio*, antigamente, na Europa.

Nos meios tradicionais os sentimentos são mais matizados; as *àjẹ́* não são banidas da sociedade da qual são, como veremos, um dos pilares essenciais, e evita-se maldizê-las abertamente, pois acredita-se que possuam uma força agressiva e perigosa. Uma atitude de prudente reserva face a um poder estabelecido, malévolo e ativo, é pois observada acarretando uma discrição a seu respeito que dificulta o trabalho dos pesquisadores.

DUPLO ASPECTO DAS *ÀJẸ́*

Não se sabe o nome verdadeiro das *àjẹ́*. De preferência, são chamadas mais familiarmente de *ìyàmi òṣòròngà* (minha mãe, a feiticeira), ou, mais simplesmente, *ìyàmi* (minha mãe), ou, então, *ẹlẹyẹ* (proprietária de pássaros), ou, ainda, *àgbà* ou *ìyá àgbà* (a anciã, a pessoa de idade avançada, a mãe de idade e respeitável). Quando estes nomes surgem na conversa, é prudente tocar com a ponta dos dedos na terra: *bí a bá perí akọni, á fi ọwọ́*

1 Ìtàn é o relato oral do babalaô que serve de comentário explicativo para os diversos *odu* (signos) da adivinhação pelo ifá.

2 Os babalaôs iorubas fazem adivinhação por um sistema chamado *ifá*. Este sistema está baseado em 256 odus, espécie de signos. Destes 256 odus, 16 são simples (*ogbè, òyèkú, ìwòrì, òdé, ìròsùn, owonrin, òbàrá, òkànràn, ògùndá, òsá, ìká, otúrúpòn, òtúrá, irètè, òsé, òfún*), que se combinam dois a dois, cada um deles com eles mesmos formando os odus primários (*òyèkú méjì, èjì ogbè, ìwòrì, méjì ...*), ou cada um com os 15 restantes para formar os 240 odus secundários (*ogbè òyèkú, ogbè ìwòrì, ogbè òdí, etc*).

3 Maupoil, Bernard — *La Géomancie à l'ancienne Côte des Esclaves*, Paris, 1943

http://utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-decad... 3/44

Este artigo cujo título do original francês é *Grandeur et décadence du culte de Ìyàmì Òsòròngà* foi publicado em 1965 no *Journal de la Société des Africanistes*, Tomo XXXV fascículo 1, Paris.

Máscara gèlédé do Benin
Coleção Carybé / Salvador
Foto German Lorca / São Paulo



lalè se fazemos menção a uma pessoa de caráter violento, fazemos uma marca no solo; as pessoas sentadas levantam-se, então, de seus lugares, por um breve momento, em sinal de respeito e humildade.

Algumas das histórias de ifá publicadas neste artigo dão um resumo da imagem dupla formada pela tradição, ou, mais exatamente, pelas tradições, sobre *Ìyàmi*.

O primeiro aspecto sob o qual ela é conhecida é o de mulheres velhas, donas de uma cabaça contendo um pássaro, transformando-se, elas próprias, em pássaro, organizando entre si reuniões noturnas na floresta, para se alimentarem do sangue de suas vítimas e se entregarem a trabalhos maléficos variados.

O segundo aspecto de *Ìyàmi*, menos conhecido, é aquele de divindade deposta, nossa mãe chamada *Odù* (não confundir com odù de ifá), ou *Odù* lógbóje, aquela que ao vir ao mundo, recebe de Olodumaré o poder sobre os orixás; poder simbolizado pelo *ẹyẹ*, o pássaro. Ela torna-se *ẹlẹyẹ* (proprietária do pássaro ou proprietária da força do pássaro). Ela recebe também uma cabaça , imagem do mundo e contendo seu poder. Mas, tendo abusado desse poder, Olodumaré o retira e o dá a Orixalá, seu companheiro masculino, vindo ao mundo ao mesmo tempo que ela. É ele que exercerá o poder, cujo controle, entretanto, será conservado por ela.

O primeiro aspecto parece muito bem ser a forma degenerada do antigo mito, em razão combinada do tempo e de diversos elementos dos quais falaremos mais tarde.

ÌYÀMI SEGUNDO AS CRENÇAS POPULARES

O poder de *Ìyàmi* é atribuído às mulheres velhas, mas acredita-se que, em alguns casos, pode pertencer igualmente às jovens, que o teriam recebido como herança da mãe ou de uma de suas avós. Uma mulher de idade qualquer poderia também adquirí-lo, voluntariamente ou

sem o saber, após um trabalho feito por qualquer *Ìyàmi* a título de proselitismo.

Existiriam também feiticeiros entre os homens, os *oṣó* (lê-se oxô), mas seriam infinitamente menos violentos e cruéis que as *àjẹ́*.

Os dois são, digamos, capazes de matar, mas os primeiros não atacam nunca os membros de sua família, enquanto que as segundas não hesitam em matar seus próprios filhos. *Àjẹ́* pode combater *oṣó* e outras *àjẹ́*, enquanto que *oṣó* ataca raramente outros *oṣó* e não pode enfrentar a muito poderosa *àjẹ́*. Esta é tenaz e vingativa e ataca secretamente, enquanto *oṣó* renuncia facilmente à sua ação e o faz abertamente. Ser *oṣó* é até reconhecido francamente. Seu nome é ligado ao culto do orixá *oko*, divindade da agricultura, cujos fiéis usam nomes comportando a menção *oṣó* ou *ṣó*.

Ìyàmi é muitas vezes chamada *ẹlẹyẹ*, proprietária de pássaro. Veremos nos textos que seguem como os termos *ẹyẹ* pássaro, ou *ẹlẹyẹ* proprietária de pássaro, são empregados indiferentemente, pois o pássaro é o poder da feiticeira; é recebendo-o que ela se torna *àjẹ́*. É, ao mesmo tempo, seu espírito e o pássaro que farão os trabalhos maléficos relatados a seguir. Durante as expedições do pássaro, até o momento da sua volta, o corpo da feiticeira fica em casa, estendido e inerte em seu leito. Para combater a *àjẹ́*, seria suficiente esfregar pimenta vermelha no seu corpo deitado sem defesa; quando o espírito voltasse não poderia mais ocupar o corpo lambusado pela substância que lhe é proibida.

Algumas histórias de *ifá* dão à *Ìyàmi* uma imagem de acordo com a estabelecida pela crença popular, tal qual aquela do odú *Ìrẹ̀tẹ̀ méjì* (I), publicado no fim desde artigo.

Eis alguns trechos:

Ìyàmi possui uma cabaça e um pássaro

(I/7-23): "Duzentas e uma pessoas chegam à Terra em Otá. Elas escolhem entre si uma *ìyálóde* (a que dirige as mulheres em uma aldeia ioruba). As que querem obter o poder de *àjẹ́* vão até ela com uma cabaça e dizem que querem, cada uma, um pássaro. *Ìyálóde* coloca o pássaro dentro da cabaça, a cobre, e a devolve. De volta para casa elas tomam conta dessas cabaças, as escondem em um canto conhecido somente por elas ou por uma outra pessoa que possua também uma cabaça".

Ìyàmi envia o pássaro para fazer um trabalho

(I/28-58): "Quando elas querem enviar *ẹlẹyẹ* em alguma missão, abrem a cabaça; *ẹlẹyẹ* voa e vai levar a mensagem da qual foi encarregada, seja para Lagos, seja para Ibadan ... seja a um dos quatro cantos do mundo. Quando o trabalho termina, *ẹlẹyẹ* volta. O pássaro diz a sua dona: Eu fiz o trabalho que me havias encarregado. Entra de volta na cabaça, que ela cobre de novo e recoloca em seu lugar".

O trabalho de ìyàmi é feito com dissimulação

Oriki:[1]

"Este pássaro elegante voa de pernas para o ar, desce docemente sobre o teto da casa (ele vai silenciosamente como um gato)".

(I/42-47): "Se ela diz para matar, eles matarão. Se ela diz que tragam os intestinos de alguém, eles os trarão. Quando estão à espreita de alguém para abrir seu ventre, essa pessoa não sabe que querem levar seus intestinos".

1 Do ioruba Oríkì - São saudações em forma de versos nos quais são evocados simbólicamente as virtudes e os feitos da pessoa ou do orixá que se quer reverenciar. Ver no fim do texto oriki 34, 3 e 4

***Ìyàmi* envia pesadelos às pessoas**

(I/80-85): "Este pássaro pegará um ch
cote, pode pegar um bastão ou uma faca; e
pode tornar-se *egum* (espírito de morto)
orixá. Fará medo à pessoa para a qual foi e
viado".

As atividades do pássaro são enumeradas

(V/17-74): "Elas vão trazer as doenças,
fraqueza ao corpo das pessoas; vão comer se
olhos, seu fígado, beber seu sángue. El
levam dores de barriga às crianças, tomam
pulmões das pessoas, dão dor de cabeça, dor
reumáticas, febre. Elas não deixam que u
mulher fique grávida, e, as que ficam, não
deixam parir".

***Ìyàmi* vai à reunião partilhar o sangue de suas vítimas com as outras ẹlẹyẹ**

(I/63-74): "Uma pessoa que tem um pássa
vai então no meio da reunião e diz que envi
o pássaro em missão. Ela levou seu trabal
ao meio da assembléia, porque não pode faz
este trabalho sozinha. Quando ela acaba
falar assim, as outras *ẹlẹyẹ* querem ter s
parte. Ela apresenta o sangue trazido pe
pássaro. Todas as suas companheiras quer
tocá-lo com a boca e experimentar. Quan
terminam de beber o sangue juntas, se s
param".

Tudo isto de acordo com a crença de que *ìyàmi* devem trazer uma vítima, ou o sangue uma pessoa, cada uma na sua vez,para assembléia das feiticeiras. Elas devem co binar qual a próxima vítima escolhida, a f de que nenhuma *ìyàmi* a proteja, pois (I/5 61): "se esta pessoa possuir um encantamen contra as *àjẹ́*, o pássaro, apesar de todos seus esforços, não conseguirá tomar o que v (*àjẹ́*) o tenham enviado buscar".

Orumilá vai ver o segredo de *ìyàmi* em Otá

Uma história de ifá (II) do odú *irẹ́tẹ́ òwànrín*[1] mostra como Orumilá (Ifá) vai buscar o segredo de *ìyàmi* em Otá. Antes de partir ele faz oferenda de um saco de tecido branco um pombo branco e uma cabaça, significando: "tenho meu pássaro, não me combatam". Ele vai para Otá e chega ao mercado. Ha! dizem as *ìyàmi*, a sopa chegou. Aquele que elas queriam comer chegou. Exu, mensageiro dos outros orixás, que faz o bem e que faz o mal, diz às *ìyàmi*: Orumilá é mais forte que todas vocês reunidas, ele tem seu pássaro; tragam-lhe os vossos (submetam vosso poder ao dele). Elas trazem seus pássaros, mas estão encolerizadas, pois Orumilá vai revelar o segredo delas.

Orumilá faz uma oferta de *ẹkujèbú*, um grão duro e grande, e um frango *òpìpì*, que não pode voar porque suas penas são crespas e não opõem resistência ao ar. As *ìyàmi* queriam atacar Orumilá, mas não podiam, pois a oferenda é uma mensagem que significa: "*àjẹ́* selvagem não pode comer *ẹkujèbú*, vocês não podem me caçar; frango arrepiado não tem asas para voar sobre o teto, vocês não podem me matar."

Foi assim que Orumilá surpreendeu o segredo de *ìyàmi* em Otá.

IYÀMI ESTÁ SEMPRE ENCOLERIZADA.

Ìyàmi está sempre encolerizada e sempre pronta a desencadear sua cólera sobre os seres humanos. Ela está sempre irritada, tenha sido maltratada ou não, quer esteja em numerosa companhia ou solitária, que falem dela bem ou mal, ou que nada falem dela,

1 Também chamado - *irẹ́tẹ́ ọlọ́tà* - *irẹ́tẹ́* proprietário de Otá, indicando, assim, pelo nome, a ligação deste odú com Otá, a cidade onde as *ìyàmi* chegaram ao mundo

deixando-a assim em um esquecimento sem glória. Tudo é pretexto para que *ìyàmi* se sinta ofendida.

Ìyàmi é muito astuciosa. Para justificar sua cólera, ela institui proibições. De propósito, não as faz conhecidas, pois assim ela pode fingir que os homens as transgridem e pode maltratá-los, mesmo se as proibições não tiverem sido violadas.

Este traço do seu caráter é explicado na história (III) do odú *ogbè ògúndá* ou *ogbè yọ́nú* (*ogbè* significa satisfeito), (III/6-15) onde ela declara pacificamente: "Ela não combaterá as pessoas, com a condição delas não irem colher os quiabos de *Èjió*, apanhar as folhas[1] *ọ̀sùn* de *Alọ́ran*, ou contorser o corpo no pátio da casa de Mosionto; mas ela toma o cuidado de não lhes dizer em que consistem estas três proibições. Assim, se as pessoas vão colher um fruto qualquer (III/16-22), ou mesmo se elas não colherem nenhum, *Ìyàmi* declara: " Ha ! eles colheram quiabos de *Èjió*. Ha! aqueles quiabos que lhes dissemos para não colherem, eles os colheram. E comporta-se com a mesma má fé no que diz respeito às outras duas proibições."

Ìyàmi fica ofendida se alguém leva uma vida muito virtuosa, se é muito feliz em seus negócios e acumula uma fortuna dita honesta; se uma pessoa é muito bonita e agradável, se está muito bem de saúde, ou se tem muitos filhos, e não toma o cuidado de vir acalmar os ciúmes de *Ìyàmi*, com oferendas dadas secretamente.

Isto diz respeito ao tema do ciúme dos deuses, tratado em um livro de Tournier[2] e aquele dos "sentimentos de frustração e de

1 A identificação das plantas se encontra nos textos da tradição oral que seguem este artigo

2 Tournier - La Jalousie des Dieux, sugerido por R. Bastide numa carta a Pierre Verger. Paris, 15.10.1964.

04/03/2016 utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-deca...

ciúme dos velhos frente à felicidade aparente de uma outra pessoa, como motivos que podem levá-los a se servir da feitiçaria para os acalmar", de que fala Lucy P. Mair[1].

ORUMILÁ ACALMA *ÌYÀMI*

Uma outra história (IV) do mesmo odú *ogbè ògundá* nos diz como Orumilá soube aplacar a cólera de *ìyàmi*.

Chegando ao mundo, os filhos das pessoas e os filhos das *ẹlẹyẹ* brigam, os primeiros sendo perseguidos pelos segundos. Os filhos das pessoas vão pedir proteção a diversos orixás sucessivamente. Nem Orixalá, nem Xangô, nem Oiá ou Obá têm força suficiente para lutar contra *ìyàmi - ẹlẹyẹ*. Eles pedem a Orumilá para protegê-los. Este conhece, graças a Exu, os segredos de ìyàmi - ẹlẹyẹ. Ele sabe que, chegando ao mundo, elas vão beber água em sete rios cujos nomes ele conhece. Tendo consultado ifá, ele fez as oferendas prescritas de folhas de *ojúṣájú, ọ́yọ̀yọ́, àánú*, e *agogo ògún*, mel, uma pena de papagaio, giz (*ẹfun*) e pó vermelho (*osùn*). Assim protegido ele é capaz de enfrentar *ìyàmi*, pois as oferendas intercedem a seu favor; a folha de *ọyọ́yọ́* declara que *ìyàmi* está satisfeita (*yónú*) com ele; a de *ojúṣájú*, que ela o respeita (*ṣájú*); a de *àánú*, que ela terá piedade dele (*ṣàánu*) e a de *agogo ògún*, que tudo que ele pedir tocando um sino (agogo) ele obterá.

Ìyàmi - ẹlẹyẹ está satisfeita. Entretanto, impõe uma condição antes de dar seu perdão: Orumilá deverá decifrar um enigma que lhe será apresentado. Ele deverá adivinhar o significado da frase: "Elas dizem: atirar; Orumilá diz: apanhar", e isto sete vezes.Orumilá responde que elas vão atirar um ovo sete vezes e ele deverá apanhá-lo dentro da borra

1 Mair Lucy P. Witchcraft as problem in the study of religions, Cahiers d'Études Africaines, nº 15, Paris, 1964, p. 344

do algodão. Orumilá é então perdoado e os filhos das pessoas também. A história termina com um canto no qual Orumilá revela o segredo dos sete rios, das quatro folhas, do mel, da pena de papagaio e dos pós vermelho e branco. *Ìyàmi*, satisfeita, diz a Orumilá que ele ficará velho, que se tiver necessidade de sua ajuda, bastará cantar aquela canção fazendo também as mesmas oferendas; onde quer que seja o lugar que ele se encontre, nos sete céus de cima, nos sete céus de baixo, ou em qualquer dos quatro cantos do mundo, seu desejo será atendido..

O texto precedente mostra claramente como as oferendas falam à *ìyàmi* em uma linguagem ideofônica, onde vários elementos da natureza - folhas, animais, materiais - têm seus nomes ligados por assonância a uma ação esperada ou a um sentimento ao qual fazem apelo. Veremos outros exemplos nas histórias que se seguirão.

Existe aí uma concepção fundada sobre a força mágica do verbo, mas, acrescentamos para os incrédulos, que as folhas empregadas para curar as doenças têm um valor terapêutico controlável.

O enigma resolvido por Orumilá: "apanhar um ovo dentro da borra do algodão", é um símbolo importante: o da luta de *Ìyàmi* contra Obarixá-Obatalá. O ovo faz parte de todas as oferendas às *ìyàmi*; o algodão pela sua brancura, é associado a Obatalá. Veremos mais longe (história VIII), um outro símbolo desta luta quando Obatalá briga com as *ẹlẹyẹ* que comiam o algodão plantado por ele.

O fato de apanhar o ovo dentro da borra do algodão dá a indicação da neutralização da ação de *íyàmi-ẹlẹyẹ* por Obarixá, que é um dos temas importantes do mito da criação, que veremos mais tarde, nas histórias VII e VIII.

Um outro episódio da luta entre Orumilá e *ìyàmi* é dado na história V, do odú *òdí méjì*, do qual eis um curto resumo:

http://utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-decad... 8/44

As *Ìyàmi* chegam ao mundo. No caminho elas encontram Orumilá.

- Onde vão? O que vão fazer? pergunta este.

- Iremos levar todo tipo de doença às pessoas, seremos implacáveis, não ouviremos ninguém, respondem elas.

As *Ìyàmi*, chegando na Terra, vão emploeirar-se sobre sete espécies de árvores e desencadeiam toda sorte de doença sobre as pessoas. Estas vão pedir ajuda a Orumilá, que faz uma oferenda e canta a mensagem representada pelos diversos elementos que a compõem: "*Ìyàmi òṣòròngà*, a folha do *ogbó* diz que compreendereis (*gbó*); a cabaça (*igbá*) que pegareis (*gbà*); qualquer coisa que eu disser, o fareis."

Todas as *Ìyàmi-ẹlẹyẹ*, ficam em silêncio. Orumilá obteve seu perdão.

O PODER DE *ÌYÀMI* É EMPREGADO PARA O BEM E PARA O MAL.

Na história VI do odú *ogbè ọ̀ṣá*, as *Ìyàmi-ẹlẹyẹ*, chegando ao mundo, vão empoleirar-se, como na história precedente, sobre sete espécies de árvores, sucessivamente. Sobre cada uma dessas árvores elas têm atividades de caráter diferente. Sobre três delas, elas trabalham para o bem; sobre três outras, elas trabalham para o mal; sobre a sétima, elas trabalham para o bem e para o mal."

Isto tende a nos mostrar que para os iorubas o poder - *àṣe* (axé) - de *Ìyàmi* não é em si mesmo nem bom nem mau, nem moral nem perverso; só a maneira com que o axé é empregado é que importa. Ponto de vista muito próximo daquele citado por J. Middleton[1] para os *Lugbara*, "... entre os quais a feitiçaria reside no exercício ilegítimo ou mal dirigido de um poder, que ele próprio não é necessariamente o mal".

1 Mair, Lucy P op. cit., p.345

O axé deve ser utilizado com calma e discrição, e é por não ter respeitado este preceito que nossa mãe *Ìyá àgbà* perdeu o domínio do mundo (história VII).

A SOCIEDADE IORUBA E *ÌYÀMI*.

Ìyálóde, na primeira história deste artigo (I/10) está à frente das feiticeiras, distribuindo-lhes os pássaros - poder das *àjẹ́*.

Ìyálóde, em uma aldeia ioruba, é aquela que está à frente das mulheres da comunidade, particularmente daquelas que vendem no mercado. Ela é sua representante no palácio do rei e no conselho. Ela estará presente no tribunal local se uma mulher estiver implicada em um caso judiciário. Ela própria arbitra, fora do tribunal, as desavenças que surgem entre as mulheres.

É pois *Ìyálóde* que controla as mulheres.

"Toda mulher é *àjẹ́*, escreve Ulli Beier[1], porque as *Ìyàmi* controlam o sangue das regras das mulheres. As "mães" podem fazer cessar as regras ou podem causar hemorragia. Assim, as "mães" controlam todas as mulheres através destes poderes místicos."

A posição da *Ìyálóde* é comparável a da *Ielu* no país dos *nupe* ou *tapa*, vizinhos do antigo reino ioruba, entre os quais, no passado, existiram estreitos laços culturais. O papel da *Ielu* foi descrito por Nadel[2] em um estudo sobre a feitiçaria no país dos *nupe*: "A mulher que está à frente de todas as mulheres feiticeiras, diz ele, usava o título de *Ielu*, reconhecido pelas autoridades da aldeia e pelo rei dos *nupe*. Ela era oficialmente a dirigente de todas as mulheres do mercado e o árbitro das disputas entre as mulheres do lugar".

1 Beier, Ulli. Gelede Masks, Odù, n° 6, Ibadan, 1956, p.6

2 Nadel Witchcraft and anti witchcraft in Nupe Society, África, 1935, p.431

04/03/2016 utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-deca...

Esta posição oficial da *lelu*, dirigente das feiticeiras, cria um problema para Nadel, pois ele indica que "no pensamento *nupe*, a feitiçaria é um tipo de poder sobrenatural "específico", pelo qual o homem é possuído e que utiliza exclusivamente para o mal e para um fim anti-social. A feitiçaria, de acordo com eles, encontrava-se, pois, separada completamente do seu sistema de ritos mágicos e mágico-religiosos. Ela não tinha nenhuma relação com a crença geral nos espíritos (jenu) e nas almas dos mortos, e, finalmente, não era a simples utilização de substâncias mágicas ou remédios, se bem que um tipo específico de remédio seja incluído nas tais idéias *nupe* sobre a feitiçaria". Ele supunha pois que "os poderes de feitiçaria que possuía *lelu*, para ser assim publicamente reconhecida pelas autoridades locais, deviam ser empregados unicamente para o bem, no intuito de controlar as atividades de suas companheiras feiticeiras".

Nadel falava no passado, pois, por volta de 1933, época de sua pesquisa, não havia mais *lelu* há muitos anos. Isto foi devido à forte influência do islamismo que tinha feito desaparecer do país *nupe* quase todas as manifestações das religiões tradicionais. O pensamento *nupe*, do qual fala Nadel, fora ele próprio influenciado; tinha perdido sua antiga forma tradicional, onde ele teria, sem dúvida, achado que - como no país ioruba, a religião não considerando a feitiçaria como um fato exclusivamente anti-social - a posição da *lelu* não apresentava um caráter paradoxal.

OS CAÇADORES DE FEITICEIRAS E *ÌYÀMI*.

A "feitiçaria" parece ter se desenvolvido na África particularmente depois do começo do século, ou, mais exatamente, as pessoas tornaram-se cada vez mais conscientes, a partir

daquela época, da existência daquilo que eles achavam ser a "feitiçaria".

Como chama atenção Debrunner,[1], isto é, "a conseqüência direta da ação combinada, na época colonial, do comerciante, do administrador, do missionário e do professor, cujas diversas influências destruíram a antiga cultura e a antiga religião, fazendo, em princípio, desaparecer o paganismo. Com efeito, longe de destruir esse paganismo, o resultado foi a criação de uma nova forma, através das sociedades de caçadores de feiticeiras. Aqueles templos e cultos anti-feitiçaria são o mais ativo aspecto do paganismo".

Em país ioruba, após a evolução dos quadros sociais e religiosos, e sob as múltiplas pressões exercidas do exterior, os cultos aos antigos orixás foram cada vez mais abandonados. Nas famílias convertidas ao cristianismo e ao islamismo, a guarda do templo familiar e a prática do culto foram deixados aos cuidados de algumas velhas que ficam muitas vezes expostas aos ataques de seitas de profetas curandeiros e caçadores de feiticeiras.

A atividade da seita de caçadores de feiticeiras *Atigali* (ou *Tigere* ou *Atinga*), criada por volta de 1940 ao sul da Costa do Ouro (Gana), foi estudada por Peter Morton Williams[2], quando o movimento ganhou corpo, e, atravessando o Daomé, infiltrou-se na Nigéria, por volta de 1950. O autor pôde observar os dançarinos, possuídos pelo espírito de *Atigali*, que se diziam capazes de identificar as feiticeiras presentes. Constatou que numerosas velhas, designadas pelos dançarinos em transe, reconheceram de bom grado que eram feiticeiras e confessaram abertamente terem cometido séries de impressionantes crimes. Uma delas se acusava de ter

1 Debrunner, H Withchcraft in Ghana, Accra, 1959, p. 105

2 Williams, P. Morton The Atinga Cult among the South Western Yoruba, in Bull. de l' IFAN, t. XVII, série B, n°s 3-4, p. 315-334

http://utilidades.gatovolador.net/issuu/down.php?url=https%3A%2F%2Fissuu.com%2Fgrupodeestudosfernandodeogum%2Fdocs%2Fesplendor_e-deca... 10/44

matado quinze dos dezesseis filhos que tinha posto no mundo. Elas disseram que haviam matado seus vizinhos, impedido que as feridas das pessoas cicatrizassem e que tinham cometido outros numerosos atos perversos.

A única sanção tomada contra as que confessavam era uma multa de trinta *shillings* e a obrigação de destruir o material que possuíam para o culto dos diversos orixás. Elas deviam, ainda, ser purificadas por um banho de folhas e tinham que mastigar um pedaço de noz de *kola*[1], retirado do altar de *Atigali*, que as levaria para a morte se elas tentassem se ligar de novo à feitiçaria ou ao culto dos orixás.

O R.P. Baudin[2] tinha observado, no século passado, que "as velhas eram muitas vezes acusadas de serem *àjé* e que, o mais curioso era que, freqüentemente, elas acreditavam ter cometido o crime do qual eram acusadas".

Ele pensava que "sem dúvida, para se vingar ou para ganhar uma soma de dinheiro, elas tinham ido ao pé de um *ìrókò* sagrado pedir ao gênio para enviar seu mensageiro, o pássaro da noite, a coruja, matar aquele ou aquela e que, quando a vítima estava morta, acreditavam que o pássaro lhe tinha, pouco a pouco, comido o coração durante a noite".

Morton Williams nega a existência da feitiçaria e encontra uma explicação racional para esse estranho comportamento das velhas, que se acusavam com uma tal complacência de crimes imaginários: ele atribui este fato a um complexo de culpa nascido de sentimentos de angústia e de insegurança, provocados pela condição particular da mulher na sociedade ioruba.

A mulher casada nunca está completamente integrada no grupo familiar do marido, onde ela é considerada apenas como a mãe dos filhos de um membro daquele grupo. Dar filhos é

1 Cola Acuminata

2 Baudin, R. P. Fétichisme et Fétichеurs. Lyon, 1884, p. 54

uma condição essencial para assegurar sua permanência no núcleo residencial da família. Com mais idade, muitas vezes ela é abandonada pelo marido polígamo, em benefício de mulheres mais jovens. As vezes ela deixa aquela família, se dedica à venda de produtos no mercado, vive só ou com um de seus filhos, se não existir incompatibilidade de humor com sua ou suas noras.

A presença da mulher não parece prevista nem mesmo na família da qual provém, se julgarmos pela expressão empregada quando alguém pergunta aos pais sobre seu filho recém-nascido. Em vez de: É um menino ou uma menina?, pergunta-se: "É o dono da casa ou a estrangeira?" (*Njé onílé tàbí àlejò ni*?), pois se sabe que o destino das filhas é o de não ficar na casa em que nasceram, mas se casarem.

AS MÁSCARAS *GÈLÈDÉ* e *ÌYÀMI*

Uma outra forma de racionalização do estranho comportamento dessas velhas mulheres ao se acusarem de tão espantosos crimes, poderia ser interpretado como sendo o resultado de uma pressão cultural, provocando nelas sentimentos de orgulho de serem as poderosas *ìyàmi*, capazes de temíveis cóleras. Como uma necessidade de afirmação de sua fidelidade à imagem da *ìyàmi* traçada pela tradição, cujo excesso de poder levou à sujeição um orixá mais calmo e paciente (história VII).

É, com efeito, nessas mesmas regiões de Kêto, Egba e Egbadô, onde florescia *Atigali*, que existem as *gèlèdé*: são máscaras usadas por homens que fazem parte de sociedades controladas e dirigidas por mulheres que possuem os segredos e os poderes de *àjé*. As *ìyàmi*, longe de estarem excluídas da sociedade ioruba, são, ao contrário, tratadas com muito respeito e consideração, pois o objetivo desta sociedade *gèlèdé* é o de acalmar a

possível cólera de *ìyàmi* com cerimônias e danças feitas em sua honra, exatamente o oposto daquela dos caçadores de feiticeiras do tipo *Atigali*.

A dirigente da sociedade dos *gèlèdé* usa o título de *erelú*, que se aproxima singularmente daquele de *lelu*, dos *nupe*. Assinalamos que na Bahia, descendentes de habitantes de Kêto para cá trazidos nos séculos passados, faziam, alguns anos atrás, a dança dos *gèlèdé* todos os anos no dia 8 de dezembro, na festa da Boa Viagem. A festa era presidida por Maria Júlia Figueiredo, uma das ialorixás do candombé do Engenho Velho[1] que usava o título de *ìyálóde-erelú*.

Ulli Beier[2] pensa "que *àjé* não é como a feiticeira da Europa medieval, simplesmente a personificação do mal. Ela representa, antes, os poderes místicos da mulher em seu aspecto mais perigoso e destrutivo. A dança dos *gèlèdé* é a expressão da má consciência dos homens, vinda da época em que a sociedade matriarcal tornou-se patriarcal. O grande poder místico da mulher, utilizado na origem de maneira criativa para o trabalho da terra etc., pode ser transformado em uma arma destrutiva. Tudo, pois, deve ser feito para acalmar a mulher, apaziguá-la e dar-lhe compensações pela perda de sua posição política. Se *àjé* fosse tida como um ente absolutamente mau e inimigo da sociedade, a coisa evidente que se imporia seria caçá-la e matá-la toda vez que isto fosse possível. As *àjé* não são, pois, realmente feiticeiras. São as Avós, as Mães em cólera, e sem sua boa vontade a própria vida não poderia continuar; sem elas a sociedade desmoronaria".

1 Carneiro, Edison Candomblés da Bahia, Salvador, 1948, p. 32

2 Beier, Ulli. op. cit., p. 7

ÌYÀMI E O MITO DA CRIAÇÃO DO PANO DE *EGUM*

Em apoio à tese de Ulli Beier, temos uma história (VII) do odú *Òṣá méjì*, no qual *ìyàmi* está presente na origem do mundo, quando as mulheres recebem o poder em sua pessoa, mas os homens, representados por *Obarixá* o tomam com habilidade e paciência.

Eis um resumo deste mito: "Três orixás vêm do além para a Terra. Ogum, o guerreiro, está na frente para abrir o caminho; Obariẋá, que tem o poder de criar todas as coisas, segue em segunda posição; *Odù*, a única mulher do grupo, é a última. Ela volta sobre seus passos e vai se queixar a Olodumaré: os dois primeiros receberam o poder da guerra e o da criação, e ela, *Odù*, nada recebeu na partilha. Olodumaré lhe diz: Você será *ìyá wọn*, a mãe deles, para sempre; você sustentará o mundo. Ele lhe dá o poder do *ẹyẹ*, o pássaro; ele lhe dá a cabaça de *ẹlẹyẹ*, dona do pássaro.

Olodumaré pergunta como ela vai usar os pássaros e sua força. *Odù* responde que matará os que não a ouvirem; que dará dinheiro e filhos aos que o pedirem, mas que se as pessoas se mostrarem impertinentes com ela, retomará as dádivas.

Olodumaré lhe diz: Muito bem, mas utilize com calma o poder que lhe dei. Se ela utilizá-lo com violência, ele o retomará; e

lhe repete: Tu serás ìyá wọn, a mãe de todos os homens; eles deverão te prevenir, Odù, de todas as coisas que queiram fazer".
Olodumaré deu o poder às mulheres; o homem, sozinho, nada poderá fazer na ausência delas.

Naquela época *Odù* entrava nos mais secretos lugares do culto de Egum[1], de *Orò* e de diversos orixás.

Ha! Àgbà, a anciã exagerou, ela se recusa a fazer as oferendas prescritas por ifá, a escutar seus conselhos, a agir com calma e prudência.

Obarixá vem e diz: Hen!. É a ele que Olodumaré tinha confiado o mundo, esta enérgica mulher veio tirá-lo de suas mãos. Ela vai nos lugares secretos de Egum, de *Orò* e de outros orixás, onde ele, Obarixá, não ousa entrar.

Obarixá vai consultar Orumilá (ifá) e faz uma oferenda que lhe é indicada feita de caracóis e um chicote. Orumilá lhe diz que o mundo passará a ser dele mas deve ser paciente. "A mulher vai exagerar, ela se tornará tua serva, Obarixà, ela virá se submeter a ti."

Odù tinha o poder naquele tempo; qualquer coisa que ela dissesse se realizava. Ela diz a Obarixá que eles dois, ela e ele, deveriam morar juntos, no mesmo lugar.

Obarixá faz o culto de sua cabeça com o caracol naquele lugar. Ele bebe a água (contida no casco) do caracol e a oferece à *Odù*.

1 A sociedade dos *Eégún* é aquela graças à qual os espíritos dos mortos retornam, em princípio, à Terra, revestidos de panos coloridos e falando com seus descendentes com uma voz rouca característica. Esta sociedade é estritamente reservada aos homens, as mulheres não podendo conhecer esses segredos. Entretanto, a história publicada aqui, mostra que a invenção deste pano foi feita pelas mulheres. Este detalhe é confirmado por outras histórias que fogem do âmbito deste artigo, mas que mostram que a tomada, pelos homens, da máscara de Egum, das mãos das mulheres, foi feita com maior violência que a dessa história. A sociedade *Orò* é, igualmente, estritamente reservada aos homens, e tem por objetivo, em parte, manter as mulheres em um estado de respeitosa sujeição aos homens

Ambos comem da carne do caracol. O humor de *Odù* se acalma. Ela declara que nunca tinha comido nada tão bom.

Obarixá diz à *Odù* que ele não lhe escondera, nenhum de seus segredos, mas que ela havia-lhe escondido o segredo do seu poder. *Odù* mostra a Obarixà o segredo do pano de Egum. Eles adoram juntos Egum. *Odù* veste o pano, mas fala com uma voz normal, ela não sabe falar com a voz rouca dos *ará òrun*, as pessoas do além, os mortos. Voltam para casa. Obarixá volta sozinho para o lugar da adoração, modifica o pano de Egum, veste-o, toma em mão o chicote de sua oferenda, sai com o pano na rua e fala com a voz rouca de Egum.

Todas as pessoas têm medo. *Odù*, mesma, está aterrorizada, mas reconhece o pano e fica sabendo assim que Obarixá está dentro. Envia seu pássaro empoleirar-se no ombro de Egum. Tudo que Egum diz, age pelo poder do pássaro.

Na volta de Obarixá para perto de *Odù*, esta lhe diz que o pano lhe convém mais que a ela. Quando ele sai, todas as pessoas gritam: "Eis Egum, eis Egum!". Ele arrasta o chicote no chão, eles têm medo, a honra é para ele. As mulheres não entrarão nunca mais dentro do pano de Egum. Agora é o homem que conduz Egum. Mas nenhuma pessoa deve ridicularizar a mulher, porque a mulher nos pôs no mundo. Os homens não podem fazer nada sobre a Terra se não o obtiverem das mãos das mulheres.

Obarixá canta:

"Dobrai o joelho para a mulher,
A mulher nos pôs no mundo,
Assim, nós somos seres humanos,
A mulher é a inteligência da Terra,
Dobrai o joelho para a mulher."

Este mito reflete a importância relativa da posição do homem e da mulher na sociedade,

nas diversas épocas de uma história ioruba onde três períodos podem ser distinguidos:

O primeiro, é aquele da chegada do além sobre a Terra, representando os tempos da migração, a chegada dos iorubas em Ifé (Nigéria), os homens dominando a tribo em marcha. Suas qualidades de guerreiros e de caçadores sendo indispensáveis para garantir a vida do grupo. Ogum, estava à frente.

O segundo, quando a comunidade se fixa na terra. De nômade, a sociedade se torna sedentária e agrícola. A fertilidade do solo, a fecundidade das mulheres passando para o primeiro lugar das preocupações. *Odù* representa as mulheres, são as "mães", estão no poder. A sociedade está fundada sobre o matriarcado, elas têm a seu cargo até o culto dos ancestrais, o culto de Egum. Os homens têm apenas um papel apagado, tanto no governo quanto nas funções sacerdotais.

O terceiro é quando as mães exageraram e os homens reagiram frente aos seus excessos. Eles retomaram o exercício do poder e o comando, mas as mulheres entretanto, controlavam o poder. Sem elas os seres humanos desapareceriam.

A CÓLERA DE *ÌYÀMI* CONTRA OXALÁ

Esta luta entre *Odù* e Orixalá (Obarixá, Obatalá) pelo poder toma uma forma mais violenta na história VIII do odú *ọ̀ṣá méjì* (é aquele odù de ifá que fez as *àjẹ́* virem ao mundo), onde reencontramos, sob uma forma diferente, os três períodos em questão na história precedente.

"Na época em que Oxalá plantava algodão, as *ẹlẹyẹ* o comiam. Ele as advertiu para que não mais o fizessem; que elas não roubassem mais nada. Quando estas mulheres chegaram à Terra elas não tinham nada; pediram o poder a Olodumaré. Os homens já tomaram todo o poder, eles enganam as mulheres, não são sérios com

elas, mentem para elas. Elas vão contar seu sofrimento a Olodumaré.

Olodumaré lhes dá um poder maior que o dos homens. As *àjẹ́* serão mais poderosas. Quando elas chegam à Terra não existem rios. As *ìyàmi* possuem um rio que nunca seca. Orixalá precisa de água para criar o corpo das pessoas. Ele vai roubar a água das *àjẹ́*. Elas o surpreendem e o perseguem. Ele vai se refugiar na casa de Egum; elas ameaçam tomar os panos de Egum e enfraquecer seu poder. Egum expulsa Orixalá. Ele vai para a casa de Ogum. Elas ameaçam Ogum de lhe tomar todas as suas ferramentas. Ogum expulsa Orixalá. Orixalá vai se refugiar na casa de Orumilá; elas ameaçam de engolir as nozes de palmeira que ele utiliza para fazer a adivinhação e de destruir seu poder. Orumilá as traz na sua casa e lhes serve pratos de *èkuru* (feijão cozido) sobre os quais derramou o sangue de diversos animais. Encantadas por esta generosa recepção, as *ìyàmi* perdoam Orixalá. Orixalá reconhecido, oferece sua faca de marfim a Orumilá. Esta é a origem do *ìrókẹ́* de marfim que os babalaôs utilizam quando praticam a adivinhação."

IGBÁDÙ, MULHER DE ORUMILÁ

Odù (*ìyàmi*) é a mulher de Orumilá, na história IX do odú *ìrẹ́tẹ́ méjì*, que nos diz:

"*Odù* recebe de Olodumaré um pássaro chamado *Àràgàmagò*. Este pássaro fará para *Odù* o trabalho que ela quizer, seja para o bem, seja para o mal.

Orumilá quer ter *Odù* como esposa. Os babalaôs dizem: Hé! *Odù* tem um grande poder em suas mãos. Orumilá deve depositar uma oferenda na rua feita de rato, peixe, caracol e azeite de dendê.

Orumilá faz o que lhe foi pedido. Quando *Odù* chega, vê a oferenda e Exu lhe diz que Orumilá quer desposá-la. *Odù* aceita e faz com que todos os entes malévolos que a acompa-

nham, comam da oferenda. Ela abre a cabaça e faz com que *Àràgàmagò*, também coma. Assim, Orumilá adquire as boas graças das más inclinações de *Odù* e de seu poder. *Odù* entra na casa de Orumilá, mas ela não se servirá de seu poder contra ele. Ela o ajudará com o poder do seu pássaro. Mas ela diz a Orumilá que tem uma proibição: nenhuma de suas outras mulheres pode ver o seu rosto, e nenhuma pessoa deve caçoar dela, porque *Odù* é o poder do babalaô."

A proibição de ver o rosto de *Odù* é uma alusão à interdição de olhar dentro do *igbádù* dos babalaôs.

Igbádù ou *Igbá Odù* é a cabaça de *Odù* que alguns babalaôs possuem. Bernard Maupoil[1], em seu excelente estudo sobre o Fa dos daomeanos, de-rivado do ifá dos iorubas, faz a ligação entre *gbaadu* (*igbádù*) e *Odù*. Indica que "de acordo com um *bokonon* (babalaô) de Uidá, *gbaadu* é a mulher de *Fa* (ifá) e que o mistério e o poder deste vodun (orixá) o incitam a compará-la às *na*, e às *kẹnensi* (*ìyàmí*). A divindade *gbaadu* (*igbádù*) é simbolizada por uma ou mais cabaças contendo objetos misteriosos".

A história X do odú *òṣẹ́ ỌyẹkÚ* indica como *igbádù* foi constituída para *Odù, Iyá Àgbà*, a mulher idosa e respeitável:

"*Odù*, tendo envelhecido, seu espírito tornou-se confuso e ela colocou seu poder dentro do *igbádù* (*Igbá´ Odù*), uma cabaça contendo quatro outras cabaças menores fornecidas por seus quatro conselheiros, Obarixá, Obaluaê (Xapanã), Ogum e *Oòduà*. Cada cabaça contém a força destes orixás, que é simbolizada respectivamente pelo *ẹfun* (branco), *osùn* (vermelho), carvão (preto) e lama tirada do fundo

1 Maupoil, Bernard op. cit., p. 84

de um rio (cor não especificada). Os quatro cantos do mundo estão dentro da cabaça.

Igbádù é a casa de *Odù*. Não se pode entrar na casa e olhar o interior, se não se esfregar antes os olhos com água de calma, composta de folhas de *Òdúndún*[1], *tètè*[2], e *rínrín*[3], de limo da costa (*karitê*) e de água (contida no casco) de um caracol.

Todo babalaô que vai fazer o culto de Orumilá na floresta deve antes adorar *Odù*, sua esposa, no *igbádù*, senão Orumilá não ouvirá seus pedidos e não saberá que este babalaô é seu filho."

ÌYÀMÍ E O MITO DA CRIAÇÃO

Ìyàmí está intimamente ligada ao mito ioruba da criação do mundo. Vários autores o escreveram sem se aperceberem. O único que o sugere é Maupoil, como veremos mais adiante.

Examinando o que escrevem estes primeiros autores, sobre os orixás da criação, podemos ver o mito evoluir através das sucessivas interpretações.

O reverendo S. Crowther, definia em 1852:[4] "*Ọbàtálá* ou *Ọrịṣàlá*, a grande deusa dos iorubas, que supõe-se ser a artesã do corpo humano". Numa outra rubrica, escreve. "*Odùduwà* ou *Oòduà*, deusa de Ifé, dita deusa suprema do mundo. O céu e a terra são também chamados *Odùduwà*. O céu e a terra são duas grandes cabaças, que tendo sido fechadas não podem nunca serem abertas."

O reverendo Bowen publica[5] em 1858, que "Obàtálá é tido por ser a primeira e a maior coisa criada; um outro de seus nomes é Òrìṣà

1 Calanchoe crenata

2 Amaranthus hyoridus

3 Peperonia pellucida

4 Crowther, S.A A vocabulary of the Yoruba Language, Londres, 1852

5 Bowen A Grammar and Dictionary of the Yoruba Language, Washington, 1858.

nlá, o grande orixá. Sua mulher Iyáàgbà, a mãe que recebe, é representada acariciando uma criança, mas *Iyáàgbà*, ela própria, é *Ọbàtálá*. Os dois são um, ou em outras palavras *Ọbàtálá* é andrógino, representando a energia fecunda da natureza, desprendida do poder criador de Deus." Bowen indica em outro trecho, no que diz respeito a Oduduwà, que ele é o universo e que está situado em Ifé.

O abade Pierre Bouche publica um livro[1], em 1885, sobre a Costa dos Escravos, onde ele esteve a partir de 1866. Ele fala com ternura da crença em *Ìyáàgbà*, "esta deusa que parece tanto com a Santa Virgem. Como ela, segura uma criança em seus braços; ela se chama a mãe que salva, ela salvou os homens".

O autor não desconfiava que *Iyá àgbà*, que elogiava tanto, não era outra, que *Ìyàmi*, a feiticeira a mãe poderosa e implacável.

O padre Noël Baudin escreve em 1884[2] que *Ọbàtálá* é o maior dos seres que Deus, o Ser supremo, enviou no princípio. Colocou-o junto com outros espíritos na região superior do universo e o uniu a *Odùduwà*, tornando-se sua esposa. *Odùduwà*, a grande deusa dos negros, parece ser considerada como não tendo sido criada, mas como eterna e coexistente com Deus. "*Odùduwà*, que se chama também *Iyá àgbà*, a mãe que recebe, habita as regiões inferiores do universo".

R. P. Baudin reúne em um só casal *Obàtálá* e *Odùduwà*, divindades cujos mitos estavam separados, e, retomando para o casal a definição dada por Crowther somente para *Odùduwà*, escreve que "no princípio eles estavam estreitamente comprimidos e como que fechados dentro de uma grande cabaça". Ele reconstitue, sem o saber, o casal *Obàrìsà-Odù* do mito da criação do pano de Egum, do qual Obatalá-Obarixá se apoderou após ter acalmado

1 Bouche, Abbé Pierre La Côte des Esclaves et le Dahomey, Paris, 1885, p.113.

2 Baudin, R.P op. cit., p. 8.

Odù-Iyá àgbà (Baudin tinha identificado *Iyá àgbà* com Odudua) ensinando as virtudes alimentares dos caracóis.

Ele continua em seguida: "*Ọbàtálá* estava em cima, sob a tampa, e *Odùduwà* em baixo, no fundo, submersa sob as águas, envolta em profundas trevas que a noite, o medo e a fome percorriam em todos os sentidos. Ela não era mais do que uma massa agitada, sem forma nem rosto e cega."

A. B. Ellis publica um livro[1], dez anos mais tarde copiando, sem dar as fontes, os autores precedentes. *Iyá Àgbà* torna-se Iya *Àgbe* e indica Odudua não mais como a "grande deusa dos negros", mas como "a grande deusa negra", acreditando, sem levar em consideração os tons, que seu nome provinha de dúdú/negro[2]. Conclui, com a maior fleugma, um admirável sistema binário composto de elementos opostos e complementares, onde o masculino se opõe ao feminino, o dia à noite, o bem ao mal, o branco ao negro. Mas, sobre este último ponto, o erro é acerto, pois todos os adeptos de Odudua em Porto Novo, usam colares brancos porque Odudua é o nome dado a *Obatalá* naquela cidade.

Para concluir a exposição das estranhas interpretações que o padre Baudin dava, no século passado, às tradições orais por ele recolhidas, citamos ainda: "os fetichistas dizem ao povo que *Odùduwà* foi deixada feia e cega em conseqüência de uma briga caseira, na qual Obàtálá arrancou os olhos de sua companheira para forçá-la a ficar em repouso. Ela, em sua cólera, o amaldiçoa e lhe diz: "Você terá os caracóis como comida. *Olorun Olodumaré*, Deus todo-poderoso invocado por *Odùduwà* para que lhe devolvesse a visão, declarou que como punição ela continuaria cega, mas *Obàtálá*, por ter cedido à cólera, comeria cara-

1 Ellis, A. B. The Yoruba speaking people, Londres, 1894, p. 38.

2 Baudin R. P. op. cit., p.8

cóis. É, com efeito, o principal sacrifício que os negros oferecem a *Ọbàtálá*".

A interpretação dada pelo padre Baudin, a respeito do simbolismo das oferendas de caracóis, parece ter sido feita um pouco apressadamente e não corresponde nem um pouco àquele de calma e serenidade expresso pela tradição oral atual, da qual uma amostra nos é dada pelo comentário de Odú "que nunca tinha comido nada tão bom".

Lydia Cabbrera[1]. encontrou entre os descendentes dos lucumi (iorubas) em Cuba, um mito muito próximo daquele do padre Baudin. "*Odua* ou Obatalá, o criador do gênero humano, e *Yenmu*, sua mulher, moravam em uma cabaça com dezesseis caracóis. Um dia brigaram e Obatalá lhe arrancou os olhos." O mito é o mesmo, mas o episódio da maldição das comidas de caracóis não existe. O casal criador é o mesmo que se encontra no templo de Obatalá em Ifé[2], onde sua companheira *Yèyémòwó* está a seu lado.

Reencontramos o mesmo casal criador, citado por Maupoil[3], entre os daomeanos que o tomaram emprestado dos iorubas. "*Mawu* e *Lisa* evocam a união da terra e do céu; a cabaça fechada os une em um mesmo símbolo, e então *Mawu-Lisa* são substituídos por um princípio esotérico, confuso hoje em dia, que leva o nome de *Odù* (tratado mais acima na parte ìgbádù)."

Um outro mito da criação me foi dado. É comprido e sai do assunto deste artigo. Darei, pois, somente o começo:

"*Erè* pôs no mundo um pote *odù*. Ela deposita dentro dele quatro ovos. Um deles rola para fora do pote e se quebra, *Olódù*, é *Olódù ọmọ Erè*, *Olódù* filho de *Erè*. O segundo

1 Cabrera, Lydia El Monte, Havana, 1954, p. 392

2 Ver fotografia nº 73, em Verger Pierre, Dieux d' Afrique, Paris, 1954, ou Mémoire nº 51, do IFAN, Dacar, 1957.

3 Maupoil, Bernard op. cit., p. 71.

é *Odùduwà* ou *Òrixàá*; o terceiro, *Odúà*, e o quarto é *Odù logbo oje ẹlẹ́yinjú ẹgẹ́* (a dona de olhos delicados), a única mulher entre eles e que é *àjẹ́*; tem muito mais poderes que os outros".

A partir destas diversas histórias, vemos que *ìyàmi* estava presente no começo do mundo. Mas, se para o abade Bouche *Iyá àgbà* era uma deusa como a Santa Virgem, a mãe que salva; para o sacerdote do orixá era a mãe poderosa e temível, a mãe sempre em cólera.

ÌYÀMI E O CULTO DOS ORIXÁS

Esta ignorância da exata personalidade de *ìyàmi* impediu aqueles que escreveram sobre estas questões de associá-la ao culto dos orixás, apesar do fato de que nenhuma cerimômia pode ser realizada antes que oferendas lhe sejam dadas.

A importância de *ìyàmi*, entretanto, não é completamente ignorada atualmente. Dapo Fafiade escreveu em um artigo publicado no *Sunday Express de Lagos*, Nigéria, em 6 de Setembro de 1964: "Nenhuma força sobre a terra pode vencer as forças das *àgbà* (feiticeiras) derivadas dos poderes sobre-humanos dirigidos por Deus." Mais além, no mesmo artigo, um informante do autor, falando da sociedade *Atinga*, declara: "eles não têm poder sobre as feiticeiras. As feiticeiras não são más pessoas, como uma parte do público é levada a crer, pois elas possuem os poderes da vida ..."e não fala mais nada infelizmente.

Na Bahia, onde os descendentes de africanos trazidos outrora de Kêto, continuam realizando o culto dos orixás de acordo com um ritual muito bem preservado, cada vez que o sacrifício de um animal de quatro patas é feito, uma cerimômia especial tem lugar antes das danças públicas.

Nestas ocasiões, muito freqüentes, orações são feitas sucessivamente a Exu, o mensageiro dos orixás, aos *èsà*, os antigos africanos que

instituíram os cultos iorubas na Bahia, aos diversos orixás dos cultos em questão, e, enfim, *Ìyàmi Osòròngà* é saudada com as mesmas palavras usadas na África pelo enunciado de seus orikís (dos quais uma parte é publicada no fim deste artigo).

A ialorixá, chamada também ialaxé, canta em solo as seguintes palavras:

Apáki níyẹ́ ṣòròngà	*Muito poderosamente emplumada*
Ìyàmi ṣòròngà	*Minha mãe oxorongá*
Àwa ó mí kí o	*Nós te saudamos*
Má màà pa mi o ...	*Não me mates .....*

Estas palavras são repetidas em coro pelos iniciados, ajoelhados, que tocam o solo ritualmente quando o nome de *ìyàmi* é pronunciado.

A explicação de um mundo onde a presença da *ìyàmi*, a feiticeira, não é cegamente combatida, pode surpreender e desnortear, mas é necessário não perder de vista que reina uma grande incompreensão entre os que seguem uma religião de salvação, e os que praticam a religião dos orixás baseada na concepção do axé, força vital, energia, força fundamental de todas as coisas, cuja abordagem e utilização é mais científica que sentimental.

O axé não é bom nem ruim, já vimos anteriormente, como outras formas de energia. Esta noção de axé pode ser comparada a do *mana* assinalada por Codrington no seu estudo sobre os melanésios, ou aquela do *wakanda*, que serviu de base aos trabalhos de Hubert e Mauss [1], e de Durkheim [2] sobre as origens da magia ou da vida religiosa. O axé é a mesma noção que a de *nyama* dos *dogon* [3].

1 Hubert et Mauss. Esquisse d'une théorie de la magie, Année Sociologique, 1902-1903

2 Durkheim. Les formes élémentaires de la vie religieuse, Paris

3 Dieterlen, Germaine. Classification des végétaux chez les Dogon, in Journ. de la Soc. des Africanistes, t. XXII, 1952, p. 121

O axé está em todo lugar, nas plantas ou no sangue dos animais. O axé das forças da natureza são os orixás, e o dos poderes e da força das mulheres, é *ìyàmi*.

O sacerdote do orixás canaliza suas forças para um sentido favorável, de acordo com uma técnica, um certo ritual.

Os adeptos dos orixás contribuem na manutenção deste axé por suas oferendas e observando certas proibições, que são a base de uma moral e de regras de conduta onde *ìyàmi* tem um papel importante.

ÌYÀMI, FATOR DE MODERAÇÃO.

A cólera de *ìyàmi*, de que tratamos antes, pode ter uma outra interpretação e pode aproximar-se da idéia de Kluckhorn [1] em Navajo Witchcraft: "cada vez que nos elevamos, a feitiçaria está lá para nos abaixar". Entre os gregos encontramos uma noção análoga, aquela do *ubris*, da imoderação, mas aqui são os deuses que nos abaixam.

Tudo isso não é incompatível com o pensamento ioruba, pois *ìyàmi* pode ser situada tanto entre as feiticeiras, como entre os deuses da criação. Num caso como no outro, por sua ação, ela tem um papel moderador contra os excessos do poder. Com suas intervenções, ela contribui para garantir uma mais justa repartição das riquezas e das posições sociais. Ela impede que um sucesso muito contínuo possa permitir a alguns monopolizar exageradamente umas e outras.

A cólera de *ìyàmi* é, portanto, uma explicação das doenças da sociedade e de seus remédios. Esta cólera constante é também uma explicação da inquietude e da angústia metafísica, que não podem, nos meios iorubas tradicionais, ser racionalizados pela noção do "pecado original".

1 Sugestão de Roger Bastide, na mesma carta citada anteriormente

Os textos que se seguem foram registrados em fita magnética em 1963 e 1964 em Oshogbô, na Nigéria, onde foram também transcritos e traduzidos. O sentido das traduções foi submetido à crítica daqueles que os deram.

TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL

I. *Ìrẹ́tẹ́ méjì*
Como *ìyàmi* chegou ao mundo em Otá

Nós tiramos (água) na frente.
Nós tiramos (água) atrás.
Ifá é consultado para 201 pessoas,
que do além vieram para a Terra.
Ifá é consultado para 201 proprietárias de pássaros
que do além vieram para a Terra.
Quando estas 201 pessoas chegaram,
os babalaôs disseram para preparar uma cabaça para cada uma.
Quando chegaram pela primeira vez, foi em Otá,
elas elegeram uma pessoa *Ìyálóde* em Otá.
Aquela que quer receber um pássaro leva sua cabaça junto dela.
Ela diz que quer receber seu pássaro.
Ele é colocado dentro.
Quando ela colocou o pássaro dentro,
a cabaça é fechada e lhe é entregue.
Elas tomam conta em suas casas
desta cabaça que lhes é entregue
Quando elas a arrumaram em suas casas,
nenhuma pessoa pode saber o lugar onde a levaram,
a menos que seja alguém que tenha uma cabaça.
Pode ser que seja em cima do teto,
podem colocá-la do lado do muro,
ou podem cavar o solo para colocá-la.
Elas são as únicas a saber o lugar onde está guardada,
quando elas são entregues.

Quando elas lhes são entregues,
cada uma leva a sua
e vai guardá-la no lugar que ela viu.
Quando querem enviar *ẹlẹyẹ* em missão,
elas abrem a cabaça.
Aquela *ẹlẹyẹ* voa fora da cabaça,
vai executar a missão onde é enviada,
pode ser em Lagos,
pode ser em Ibadan,
pode ser em Ilorin,
pode ser em Sapele,
pode ser em Londres
ou pode ser no país do rei.
Todos os quatro cantos do mundo são os lugares onde elas o enviam.
Quando elas abrem a cabaça assim,
o pássaro voa para executar esta missão.
Se elas disserem para matar alguém, eles matam.
Se elas disserem para trazer os intestinos de alguém, eles os trazem.
Quando eles querem trazer os intestinos,
eles estão à espreita de alguém.
Quando eles estão à espreita para abrir seu ventre,
este alguém não sabe que eles querem tomar seus intestinos.
Se ela está grávida, eles retiram a prenhez de seu ventre.
Eles vão fazer o trabalho do qual foram encarregados.
Quando terminarem esse trabalho
eles retornarão de novo dentro desta cabaça.
Elas a cobrem de novo.
Quando a cobrem,
elas têm o cuidado de recolocá-la em seu lugar.
Elas não andam mais sozinhas,
a menos que queiram ir para sua sociedade.
No momento que ele retorna, este pássaro vem falar à sua proprietária assim,

alguém que elas querem matar e comer
chegou.
Elas começam todas a falar
Exu (que faz o bem e o mal, que faz
todas as coisas).
Exu transforma-se rapidamente,
tornou-se então uma pessoa.
Ele vai chamar todas as *àjẹ́* que estão em
Otá.
Ele diz, Háa!
ele diz, Orumilá.
Ele diz, o pássaro de Orumilá.
ele diz, é mais poderoso que vocês todas.
Ele diz, reúnam todos os vossos
pássaros, os reunireis perto dele,
que ele possa receber o poder junto de
Orumilá.
Elas dizem, este homem tem um pássaro?
Exu diz, Orumilá tem um pássaro.
Ele diz, ele é maior que todos os de Otá.
Elas começam todas a reunir seus
pássaros.
Elas começam a trazê-los perto de
Orumilá.
Orumilá tem assim todos os pássaros
reunidos em volta dele.
Quando Orumilá já os tem em volta dele,
Orumilá vai sentar-se.
Como ele se senta,
elas dizem que elas não querem retirar
seus maus olhados do corpo de Orumilá.
Elas dizem que lutarão com ele.
Elas dizem que elas estão em cólera por-
que ele conhece o segredo delas.
Elas dizem, eles querem assim conhecer
seu segredo.
Elas dizem, se elas pegam Orumilá, elas
o matarão.
Ele vai chamar os babalaôs.
Orumilá vai informar-se.
Ele vê *Tẹ̀máyẹ̀*.
Se o babalaô da casa não pode escutar
ifá, vamos consultar fora.

Ifá é consultado no dia em que estas
ẹlẹyẹ dizem que elas o matarão.
Eles dizem, você Orumilá
é aquele que as *ẹlẹyẹ* vão matar,
as *ẹlẹyẹ* querem lhe matar.
Eles dizem que faça oferendas.
Eles dizem que Orumilá prepare *ekujẹbu*
(grão muito duro) naquele dia.
Eles dizem que tenha também um frango
òpìpì (frango com as plumas crespas).
Eles dizem que tenha *ẹ̀kọ* (massa de
milho envolta em uma folha).
Eles dizem que Orumilá tenha seis
shillings.
Orumilá faz então assim.
Quando terminou,
eles vão com todas estas coisas,
eles vão com tudo isto consultar ifá
para Orumilá,
Eles vão chamar.
Quando eles chamaram,
para que elas comessem,
elas vieram vigiar Orumilá até que
elas não viam mais Orumilá para pegá-lo.
Quando elas não o viam mais para pegá-lo,
elas disseram, Orumilá,
elas disseram, como faremos nós para te
ver e te pegar?
Ele diz *àjẹ́* não é severa, ela não pode
comer *ekujẹbu*, vós não podeis me matar
de maneira nenhuma.
Ele diz, frango *òpìpì* não tem asas para
voar sobre a casa, vós não podeis me
matar.
Esta é a coisa que Orumilá fez naquele
dia,
para que não sejam capazes de matá-lo,
quando Orumilá foi a Otá para ver o
segredo delas.

III. *Ogbè ògúndá* ou *ogbè yónú*
Ìyàmi está sempre encolerizada

1. O que você me faz, lhe farei.
A árvore dos campos tem uma coroa sobre a cabeça.
O algodão não é um fardo pesado (mas não é compacto).
Ifá é consultado para as pessoas vindas sobre a Terra.
5. Ifá é consultado para as *ẹlẹyẹ* vindas sobre a Terra.
Quando as *ẹlẹyẹ* chegaram sobre a Terra,
elas dizem, as pessoas,
elas dizem, que elas não brigarão com elas.
Elas dizem, se elas não combaterem vocês,
10. elas dizem, vocês não devem colher os quiabos de Èjió,
elas dizem, vocês não devem recolher a folha *ọsun* de *Alọran* [1],
elas dizem, vocês não devem contorser o corpo no quintal da casa de *Mosionto*.
15. Elas dizem que se elas colherem os quiabos de *Èjió* elas brigarão com elas.
O que é que são os quiabos de *Èjió*?
Os filhos das pessoas não conhecem os quiabos de *Èjió*.
Quando os filhos das pessoas vão embora,
se eles vão,
eles podem chegar andando em um lugar onde colham uma folha qualquer,
eles pode ir em um lugar onde não colham folhas,
20. onde fiquem sem fazer nada.
As *ẹlẹyẹ* dizem, ha! eles colheram os quiabos de *Èjió*.
Os quiabos de *Èjió*, que nós dissemos para não colher, eles os colheram.
Ha! os filhos das pessoas suplicam.

1 Baphia nitida (ìrọ̀sùn)

Se elas dizem a alguém para não colher os quiabos de *Èjió*,
25. se ele não fizer numerosas oferendas,
se ele não fizer numerosos sacrifícios,
se ele não tem muitas coisas com as quais as invocar,
como Orumilá o fez,
elas dizem que não o perdoarão.
30. Se alguém não tiver coisas com as quais as invocar,
elas o matarão,
apenas pouse a mão sobre qualquer coisa,
logo elas dizem que são os quiabos de *Èjió*.
Elas vão dizer, eles colhem quiabos de *Èjió*,
35. Porque colher quiabos de *Èjió*,
recolher a folha *ọsun* de *Alọran*,
contorser o corpo no quintal da casa de *Mosionto*,
as *ẹlẹyẹ*, para atormentar os filhos das pessoas,
são capazes de encontrar o caminho para brigar com eles,
40. lhes colocando este tipo de enigmas.
Elas sabem que os filhos das pessoas não têm o conhecimento,
que eles não sabem que aspecto têm os quiabos de *Èjió*.
Se aqueles lá não tiverem dinheiro na mão,
se eles não estiverem bem preparados,
45. elas os matarão.
Quando o tempo chegou de novo,
quando os filhos das pessoas tiverem de novo que levantar-se,
que eles acordem de novo de manhã,
que digam que vão aos campos,
50. aqueles cuja plantação é boa,
que transportam inhames, que transportam milho.
se as *ẹlẹyẹ* vêem então que eles não lhes dão uma parte,

elas dizem, a folha *ọsun* de *Alọran* é a
que eles recolheram.
Elas dizem a folha *ọsun* de *Alọran* é o
que vocês recolheram.
Àquele que transporta inhames e milho
também,
elas dizem que ele recolheu a folha
ọsun de *Alọran*.
Se eles não lhes tiverem dado de comer,
se aqueles não lhes tiverem feito oferendas, sacrifícios,
não as tiverem suplicado com boas coisas,
elas os matarão.
Se eles vão de novo para fora,
se as pessoas vão para fora,
se as pessoas vão comprar alguma coisa,
se elas compram um rato,
se elas compram um peixe,
se elas compram um animal,
se elas compram qualquer coisa,
se elas derem uma parte para as *eleye*
comerem,
as *ẹlẹyẹ* dizem, isto chega.
Alguém que vá comprar alguma coisa e
que não lhes dá de comer,
elas dizem que contorseu o corpo no quintal da casa de *Mosionto*.
Porque ele comprou alguma coisa e não
lhes deu de comer,
se aquela pessoa não lhes faz oferendas,
não lhes faz sacrifícios,
elas a matarão.
A razão para matar todas estas pessoas
é o enigma, os três enigmas que lhes
colocam.
Elas os atormentam com isto.
Elas sabem, então dizem que
os filhos das pessoas não conhecem esta
espécie de lei,
nenhum deles é capaz de respeitar esta
lei.
Porque elas sabem que
o filho das pessoas não sabe o que é o
quiabo de *Èjió*,

a coisa que elas dizem ser o quiabo de
Èjió, é o quiabo de *Èjió*.
Elas sabem, dizem que
o filho das pessoas não sabe o que é a
folha *ọsun* de *Alọran*,
a coisa que elas dizem ser a folha *ọsun*
de *Alọran*, é a folha *ọsun* de *Alọran*.
Elas sabem que
o filho das pessoas não sabe o que é contorser o corpo no quintal da casa de
Mosionto,
a ação que elas dizem ser contorser o
corpo no quintal da casa de *Mosionto*, é
contorser o corpo no quintal da casa de
Mosionto.
As *ẹlẹyẹ* atormentam as pessoas.
Mas Orumilá vem suplicar por elas.
Ele vem de novo suplicar por seus filhos,
ele suplica de novo por todas estas pessoas,
ele diz que, e sua casa, e seu campo, e
seu caminho,
e todas as coisas que ele possui,
que elas os poupem,
que elas não combatam com eles,
que elas permitam que toda coisa que
queiram fazer seja boa.
Orumilá vem fazer seu sacrifício.
Ele vem para entregar os filhos das pessoas com suas mãos.
Elas vem dizer então,
todas as pessoas para as quais Orumilá
fez este sacrifício,
para as quais as suplicou assim,
elas os entregarão.
Mas elas não queriam que Orumilá o
fizesse para todo mundo.
Mas todas as pessoas para as quais
Orumilá tenha feito este sacrifício,
elas as pouparão,
elas não as matarão mais,
elas levarão em conta Orumilá.
Aquele que Orumilá tiver dito para
poupar,

elas pouparão.
Aquele que elas tenham pego,
se Orumilá pedir que o poupem,
elas o pouparão.
Todos aqueles para os quais as *ẹlẹyẹ*
terão dito, eles colheram os quiabos de
Èjió,
que vão perto de Orumilá,
Orumilá reclamará por eles,
Orumilá suplicará por eles,
Orumilá suplicará por eles de novo,
as *ẹlẹyẹ* perdoarão.
Aqueles para os quais terão dito, eles
colheram a folha *ọsun* de *Alọran*
que eles se salvem perto de Orumilá.
Orumilá fará que sejam perdoados.
Aqueles que elas terão dito, eles con-
torseram o corpo no quintal da casa de
Mosionto,
somente Orumilá os fará perdoar.
Se Orumilá os fizer assim perdoar,
os filhos de *ẹlẹyẹ* dizem, isto chega.
Elas dizem, se elas estivessem zangadas
antes, elas não estão mais zangadas.
No dia em que elas dizem, elas não
estão mais zangadas com Orumilá,
elas deram a permissão a Orumilá,
que resgata de suas mãos todos os filhos
das pessoas.

IV. *Ogbè ògúndá* **ou** *ogbé yónú*
Como Orumilá acalma a cólera de *Iyámi*

O que você me faz, lhe farei.
A árvore dos campos tem uma coroa sobre
a cabeça.
O algodão não é um fardo pesado (mas não
é compacto).
Ifá é consultado para as pessoas vindas
para a Terra.
Ifá é consultado para as *ẹlẹyẹ* vindas
para a Terra.
Quando as *ẹlẹyẹ* chegaram na Terra,

Orumilá diz, são elas capazes de
poupá-lo?
Elas dizem que quando elas chegaram à
Terra,
quando elas vieram pela primeira vez
para a Terra, elas beberam de sete águas.
A água de *Ògbèré* na cidade de *Òwu* foi a
que elas beberam primeiramente
Elas beberam em seguida da água de
Màjòmàjò, rio de *Apòmù*.
Elas beberam em seguida do *Òlẹ́yọ̀*, água
de Ibadan.
De *Iyewa*, elas beberam em *Ikétu*.
De *Ògùn*, elas beberam em *Ìbarà*.
De Ìbọ, elas beberam em *Òyán*.
De *Oséréré*, elas beberam em *Ìkìrun*.
De sete águas vocês beberam quando
vieram para a Terra.
Quando vocês beberam destas águas, quan-
do chegaram na Terra,
vocês estão com os filhos das pessoas,
vocês encontram os filhos das pessoas,
Vocês os poupam?
Vocês dizem que não os poupam.
Os filhos da pessoas correm para a casa
de Egum.
Na casa de Egum, eles vão primeiro
naquele dia.
Estes filhos das pessoas vão correndo
encontrar Egum.
Eles dizem, você Egum, protege-nos,
os filhos de *ẹlẹyẹ* dizem que não querem
poupá-los.
Egum diz que não é capaz de salvá-los.
Ele diz que não é capaz de proteger os
filhos das pessoas naquele dia.
Eles deixam aquele lugar.
Eles vão na casa do Orixá.
Eles vão na casa de Xangô.
Eles vão na casa de Oiá.
Eles vão na casa de Obá.
Eles dizem que os protejam.
Todos dizem que não são capazes de
aplacar a disputa deles.

Quem vai salvá-los nesta terra?
Eles devem ir para a casa de Orumilá.
Quando eles chegam na casa de Orumilá,
eles dizem, Orumilá protege-nos.
eles dizem, os filhos de *ẹlẹyẹ* não querem nos poupar.
eles dizem, eles nos matarão.
Eles dizem, proteja-nos,
que sejam capazes de nos poupar,
que eles não sejam capazes de nos matar e comer.
Orumilá diz como é que eles farão um pacto sob juramento naquele dia.
Ele diz, somente se alguém o prepara (como Orumilá o fez anteriormente) eles serão poupados.
Exu vem dizer vivamente a Orumilá.
Exu diz que ele prepare um prato de terra,
que ele prepare um ovo de galinha,
que ele prepare mel,
que ele prepare uma pena de papagaio,
que ele prepare folhas de *ojúṣàjú*[1],
que ele prepare *ọyọ́yọ́*[2],
que ele prepare folhas de *àánú*[3],
que ele prepare folhas de *agogo ògún*[4].
Orumilá faz a oferenda fora.
Quando Orumilá fez a oferenda.
Exu é isto, ele é amigo de Orumilá.
Como ele já teve um encontro com as *àjẹ́* na Terra,
assim ele as encontrou no além.
Primeiro, no dia em que elas beberam aquelas sete águas,
no dia em que elas começaram a beber,
foi na presença de Exu.
No dia em que elas fizeram a assembléia,
foi na presença de Exu.

1 Petiveria alliaceae (guiné)
2 Corchorus olitorius
3 Vitex thyrsiflora
4 Heliotropium indicum (crista-de-galo)

Elas decidiram no momento que elas chegaram.
Elas disseram, aquele que souber o enigma que elas colocarão,
Elas disseram, aquele que souber o enigma, elas o pouparão.
Elas disseram, aquele que quisesse ser poupado,
se ele não soubesse o enigma, elas não o poupariam.
Orumilá não sabe este enigma.
Mas quando Orumilá dá comida a Exu,
seu ventre esta suave (ele está contente).
Exu anda suavemente (sem que as pessoas ouçam seus passos),
Ele fala para Orumilá,
Ele diz que Orumilá tenha borra de algodão na mão,
ele diz que ele tenha um ovo de galinha na mão.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem com insistência:
Elas não estão contentes com os filhos das pessoas neste dia.
"Elas dizem, todo caminho pelo qual Orumilá andou,
elas dizem que não é bom.
Elas dizem que elas não estão contentes com ninguém.
Elas vão sustentando esta questão até a casa de *ogbè yọ́nú*.
Quando elas chegam na casa,
as filhas de *ẹlẹyẹ* declaram (seu caso),
os filhos das pessoas declaram (seu caso).
Os filhos das pessoas são (julgados) culpados.
Quando os filhos das pessoas são (julgados) culpados,
(a despeito das) oferendas que Orumilá fez na Terra,
Orumilá é (julgado) culpado.
Porém a oferenda, que Orumilá fez na Terra, diz que elas estão contentes dele.

Exu diz, filhas de *ẹlẹyẹ*,
ele diz, vocês deveriam saber a espécie
de indicação dada.
Ele diz, o sacrifício que Orumilá trouxe
para fora, assim ele diz
ele diz, para vocês o examinarem.
Quando elas o examinaram, elas tomaram
a folha de *ọ̀ọ́yọ́*.
Ha! elas dizem, Orumilá diz que elas
estão satisfeitas (*yọ́nú*) com ele.
Ọ̀ọ́yọ́ é que diz que estão contentes
(*yọ́nú*) comigo,
que não devem brigar comigo.
Elas (as *ẹlẹyẹ*) dizem, quando Orumilá
tinha a folha de *ọ̀ọ́yọ́*,
ele dizia que estavam contentes com ele
(e) que elas estavam contentes também
com todos os filhos das pessoas.
Elas vêem em seguida a folha de *ojúṣájú*.
Exu diz, vocês entendem a coisa que ela
vos diz?
Ela diz que vocês, com toda a bondade o
respeitem (*se ṣajú*),
que ele verá a bondade.
Elas dizem qual folha é aquela lá?
Elas dizem, é a terceira folha?
Ele diz é a folha *àánú*
Ele diz, vocês todas juntas terão
piedade (*ṣàánú*).
Elas dizem que elas terão piedade de
Orumilá.
Elas dizem (o que significa) a folha de
agogo ògún?
Ele diz, vocês o sabem.
Ela diz que, e na casa, e nos campos, e
atrás do muro da cidade,
que em todo lugar que lhe agradasse ir,
vocês deixarão que seja bom,
que toda a coisa que ele tiver em mãos,
vocês deixarão que seja boa,
elas dizem que ele peça com sino duplo
(*agogo ògún*).
Elas dizem, por que este mel?

Elas dizem, como será a coisa com a qual
elas fizeram juramento?
Ele diz, Orumilá é capaz de saber toda
coisa.
Elas dizem, porque este *ẹfun*? e este
osùn?
Ele diz, *ẹfun* diz que lhe dêem (*fún*) a
felicidade.
Ele diz, *osùn* diz que vocês chegam com
(*sùnmi*) a felicidade.
Elas dizem, por que a pena de papagaio?
Ah! ele diz, quando vocês *ẹlẹyẹ* chegam
no além,
ele diz, a pena com a qual fizeram o
sacrifício, amarrem-na na cabeça,
ele diz, esta pena que vocês utilizam
traz a felicidade com ela por todos os
lugares onde ela vai.
Quando o tempo veio,
quando Orumilá terminou de falar,
As *ẹlẹyẹ* disseram, você Orumilá,
elas dizem, você terminou assim de
falar.
Elas dizem, deixe que elas também falem
por elas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* vêm dizer,
Elas dizem, Orumilá,
elas dizem, está bem, elas vão colocar
um enigma.
Elas dizem, que ele deverá ser capaz de
resolver o enigma que elas vão colocar
assim.
Elas dizem, que ele deverá ser capaz de
resolver o enigma que elas vão lhe pedir
assim.
Elas dizem , sua casa será boa
seu caminho será bom,
seus filhos não vão morrer,
suas mulheres não vão morrer,
ele também não vai morrer,
todos os lugares onde ele estender a mão
serão bons.
Mas se ele não conhecesse este enigma,
elas não aceitariam suas súplicas,

elas estariam em cólera contra êle todo o tempo.
Mas se êle é capaz de dar a resposta, está terminado.
Orumilá diz que está bem assim.
Êle diz que lhe exponham este enigma: (7 vezes)
"Elas dizem lançar,
Orumilá diz pegar
Elas pedem esta resposta junto a Orumilá na sétima vez.
Elas dizem, Orumilá,
elas dizem, quando ele diz pegar,
elas dizem, o que ele lhe envia para pegar?
Ah! ele diz, vocês enviam um ovo de galinha.
Elas dizem, o que têm elas para pegar?
Orumilá diz, a borra do algodão.
Elas dizem que Orumilá joga este ovo de galinha no ar.
Elas dizem que ele o pegue sete vezes.
Quando Orumilá o pega sete vezes,
elas dizem terminou assim?
Elas dizem está bem assim.
Elas dizem que estão perdoados.
Elas dizem, vocês todos os filhos das pessoas e você Orumilá,
Elas dizem, dancem,
elas dizem, cantem:
"Orumilá o fez, vós ganhastes as pessoas, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* vieram dizer vós ganhastes as pessoas.
É a água *Ògbèré* em *Òwu* que bebestes em primeiro lugar, ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Bebestes em seguida água de *Màjòmàjò* em *Apòmù*, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Bebestes em seguida água de *Òlẹ́yọ̀* em *Ìbàdàn*, vós ganhastes as pessoas.

As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Água de *Iyewa* vós bebestes em *Ikétu*, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Água de *Ògùn* vós bebestes em *Ìbàrà*, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Água de *Ibò* vós bebestes em *Òyán*, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Água do *Oséréré* vós bebestes em *Ìkìrun*, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
A folha de *ojúṣàju* diz que vocês o respeitem, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
A folha de *ọ̀yọ́yọ́* diz que vocês estão contentes, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
A folha de *àánu* diz que vocês terão piedade, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
A folha de *agogo ògún* diz que me enviam a felicidade, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Se não lambermos o mel teremos o ar triste, vós ganhastes as pessoas.
As filhas de *ẹlẹyẹ* dizem vós ganhastes as pessoas.
Quando Orumilá terminou de cantar isto, Orumilá dança.
Ele vem com um agogo (sino) na mão.
Eles vêm bater no agogo.
Orumilá dança bem.
Quando Orumilá terminou a dança,

elas dizem, Orumilá,
elas dizem, é bom isto.
Elas dizem, se ele tem que ir para casa, ou ir ao campo, ou para fora, todos os caminhos onde ele colocar a mão (passará) serão agradáveis.
Elas dizem, se tiver que construir uma casa,
elas dizem, se ele quiser esposar uma mulher,
elas dizem, se ele quiser dinheiro,
elas dizem, se quiser ficar muito tempo no mundo,
elas dizem, se ele quiser que elas o protejam,
elas dizem, se Orumilá cantar aquela espécie de canção,
elas dizem, que aceitarão,
elas dizem, que elas ficarão contentes com esta pessoa.
Elas dizem, que todas as coisas que Orumilá queira lhes pedir,
elas dizem, que no lugar que agradar a Orumilá para ficar,
que seja nos sete céus de cima,
se cantar esta espécie de canção
elas responderão.
Elas farão então a coisa que ele pede para a felicidade.
Elas dizem que se pernoita nos sete céus de baixo,
se ele canta esta canção,
elas farão todas as coisas que ele queira para a felicidade.
Elas dizem que se ele pernoitar nos quatro cantos do mundo,
se ele pernoita na casa de *Olókun* (o mar),
se ele pernoita do lado do mar.
Se ele pernoita no meio de duas lagoas,
se ele pernoita em *Ìwanran*, no lugar onde o dia nasce,
se ele cantou isto,

se ele deu o nome das águas que elas beberam,
elas dizem que perdoarão.
Elas dizem é bom.
Elas dizem, o dinheiro que Orumilá não tem, Orumilá terá.
Elas dizem, a mulher que Orumilá não tem, Orumilá terá.
Elas dizem, a mulher que não pariu, a mulher de Orumilá ficará grávida, ela parirá.
Elas dizem, a casa que Orumilá não construiu, Orumilá a construirá.
Elas dizem todas as coisas boas que Orumilá não viu, Orumilá verá.
Elas dizem Orumilá se tornará velho.
Elas dizem Orumilá ficará muito tempo (no mundo),
ele se tornará um ancião.
Orumilá diz a todos os seus filhos de cima e de baixo,
ele diz que deverão conhecer esta canção,
que deverão conhecer esta história,
que sejam capazes de narrá-la.
Toda pessoa para a qual esta história for dita,
as *ẹlẹyẹ* não ousarão jamais combater.

V. *Òdí méjì*
Como Orumilá acalma *ìyámi*

Grande amontoado de terra na extremidade da rua.
Muita poeira.
Ifá é consultado para as *ìyámi òṣòròngà*, que vieram do além para a Terra.
Elas dizem que querem escutar a voz dos babalaôs,
Quando as *ìyámi òṣòròngà* vêm,
elas dizem, elas vêm para a Terra.
Elas chamam então Orumilá no além
Olodúmaré diz que Orumilá vem.
Orumilá partiu.

No lugar onde ele partiu, ele chegou no muro de pedra de Orixalá.
Ele encontra as *ìyámi* no caminho.
Orumilá diz, onde vão vocês?
Elas dizem que vão para a Terra.
Ele diz, o que é que vão fazer?
Elas dizem, que os que não serão seus partidários,
elas estragarão.
Elas trarão doenças para seus corpos.
Elas trarão a fraqueza para seus corpos.
Elas levarão os intestinos das pessoas.
Elas comerão os olhos das pessoas.
Elas comerão o fígado das pessoas.
Elas beberão o sangue das pessoas.
Elas não ouvirão a voz de ninguém.
Orumilá diz ah! ele diz que seus filhos estão na Terra.
Elas dizem, elas não conhecem os filhos de ninguém.
Quando elas disseram, elas não conhecem os filhos de ninguém,
Orumilá diz, seus filhos estão na Terra!
Elas dizem, muito bem então.
Elas dizem, Orumilá fala a seus filhos, que eles tenham folhas de *ọ̀gbọ́*[1],
que tenham uma cabaça,
que tenham a ponta do rabo de um rato *òkété*,
que tenham o corpo de um rato *òkété* também,
que tenham ovos de galinha,
que tenham massa de milho misturada com óleo,
que tenham óleo,
que tenham quatro *shillings*.
Orumilá envia um mensageiro à sua gente.
Ele lhes diz para preparar tudo aquilo.
Assim as *ìyàmi* chegam à Terra,
elas se empoleiram primeiramente no topo de uma árvore *orógbó*[2].

1 Parquetina Nigrescens

2 Garcinea Cola

Quando elas ficam sobre o *orógbó*,
elas procuram sua sorte.
Elas não a vêem, elas deixam este lugar.
Elas chegam sobre o topo de uma árvore *àjánrèré*[1].
Quando elas chegam sobre a árvore *àjánrèré*, elas não têm sorte.
Elas vão sobre o topo de um *ìrókò*[2].
A carga de frutos do *ìrókò* não é suficiente para elas.
Elas vão sobre a árvore *òro*[3], elas não têm sorte lá.
Elas vão sobre um *ògun bẹ̀rẹ̀kẹ*[4], elas não têm sorte lá.
Elas vão sobre um *arere*[5], elas não encontram lugar onde ficar.
Elas vão sobre o topo de uma árvore que elas chamam *òpẹ sẹ́gisẹ́gi*[6] no rio *Awìnrìnmògún*.
Quando elas chegam lá, elas ficam.
Elas ficam sobre seu topo.
Elas constroem um pátio.
Elas dizem, é lá que elas se reunirão.
Elas amontoam uma grande quantidade de terra lá onde todas as *ẹlẹyẹ* se reúnem.
Quando elas estão reunidas,
quando elas chegaram na Terra,
elas trazem dor de barriga para as crianças.
Elas trazem doenças para as crianças.
Elas levam os intestinos das pessoas.
Elas levam os pulmões das pessoas.
Elas bebem o sangue das pessoas.
Elas dão dor de cabeça aos filhos de um outro.

1 Ficus elegans

2 Chlorophora excelser

3 Antiaris Africana

4 Delonex Régia

5 Triplochiton nigericum

6 Elaeis guineensis idolatrica (Variedade de dendezeiro com o caroço do qual se faz a adivinhação pelo ifá).

Elas dão doenças aos filhos de um outro.
Elas dão reumatismo aos filhos de um outro.
Elas dão dor de cabeça, febre, dor de estômago, aos filhos de um outro.
Elas fazem sair a gravidez do ventre de quem está prenha.
Elas levam para fora o feto de quem não é estéril.
Elas não deixam que uma mulher fique grávida.
Aquela que estiver grávida, elas não a deixam parir.
Eles (as pessoas perseguidas) vêm suplicar aos filhos de Orumilá.
Eles dizem que os filhos de Orumilá os ajudarão,
que eles ajudarão aquela que estiver grávida.
O sacrifício que Orumilá disse a seus filhos para fazerem naquele dia, seus filho o fizeram.
Elas dizem que se os filhos de Orumilá querem chamá-las,
elas dizem para chamá-las com uma voz triste.
Quando eles tiverem feito a oferenda, que os filhos de Orumilá terão já chamado,
eles deverão levá-la sobre seu montinho de terra.
Eles deverão cantar assim.
Elas dizem que eles deverão cantar com uma voz triste.
Elas dizem que elas responderão.
Eles deverão cantar assim.
"Mãe pequena vós conheceis minha voz.
Ìyámi òṣòròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyámi òṣòròngà, toda coisa que eu digo, a folha *ogbó* disse que vós compreendereis (*gbó*) certamente.
Ìyámi òṣòròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyámi òṣòròngà, a cabaça (igbà) diz que vós pegais (gbà).

Ìyámi òṣòròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyámi òṣòròngà, a palavra que o rato *òkété* diz à terra,
a terra a compreende certamente.
Ìyámi òṣòròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyámi òṣòròngà, toda coisa que eu disser a fareis.
Ìyámi òṣòròngà, vós conheceis minha voz."
Eles começam a cantar.
Quando acabaram de cantar,
todas as *ẹlẹyẹ* estão silenciosas.
Os filhos de *Orumilá* o farão para eles.
(Orumilá) diz que se eles colhem a folha que age,
ele diz que se desenterram a raiz que age.
ele diz que cuidarão para que a pessoa grávida, permaneça grávida,
Aquela que estiver grávida, eles cuidarão para que dê a luz.
Ele diz que aquele que estiver doente, eles cuidarão, ele ficará bom
ele diz que ele sarará.
Ele diz que aquele que tiver dor de cabeça, eles colherão a folha que age.
Se o fígado fizer mal a alguém, eles desenterrarão para ele a raiz que age.
Como as *Ìyàmi* autorizaram os filhos de Orumilá naquele dia,
todas as coisas que eles fizerem agirão,
Mas eles chamarão aquele dia com uma voz triste, a canto indicado,
Para que Olorum deixe as pessoas terminar esta boa incumbência.

VI. *Ogbè Òsá*
O poder de *Ìyàmi* serve para o bem e para o mal

Ogbè Sá sobe na árvore.
Ogbè Sá sobe no teto.
Ifá é consultado para todas as *ẹlẹyẹ*, quando elas vieram do além para a Terra.
Quando elas chegaram sobre na Terra,

elas dizem que elas queriam ter uma residência.
Elas dizem, sete residências são os sete pilares da Terra.
Elas dizem, estes sete são os lugares onde farão suas residências.
Elas dizem que elas terão uma primeira residência.
Elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *ìwọ́* que nós chamamos *orógbó*.
Elas dizem, quando elas partirem de cima do *orógbó*,
elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *arère*.
Elas dizem, quando elas tiverem tido uma reunião sobre a *arère*,
elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *osè*[1].
Elas dizem, quando elas deixarem a *osè*,
elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *ìrókò*.
Elas dizem, quando elas deixarem o *ìrókò*,
elas dizem, elas irão sobre a árvore *iyá*[2].
Elas dizem, quando elas deixarem a *iyá*,
elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *àsùrìn*[3].
Elas dizem, quando elas deixarem a *àsùrìn*,
elas dizem, elas ficarão sobre a árvore *òbòbò*[4], que é o chefe das árvores dos campos.
Eles dizem, quando vós vos agarrardes sobre as sete árvores,
eles dizem, que trabalho fazeis sobre cada uma das árvores?
Vós dizeis, se elas sobem sobre a árvore *iwọ*, se elas pensam em alguém,

1 Adansonia digitata
2 Daniellia Oliveri
3 Erythrophelum guineense
4 não identificada

vós dizeis, à sua felicidade, vós pensais se vós subís sobre o *iwọ*.
Vós dizeis, ele ficará muito tempo na Terra, ele será direito (justo) sobre a Terra.
Vós dizeis, aquele em que pensais (quando estiverdes) sobre a *arère*,
todas as coisas que a ele agrade, vós as destruireis.
Vós dizeis, se subís sobre a árvore, *osè*, todas as coisas que forem do agrado desta pessoa vós as dareis.
Vós dizeis, se subís sobre o *ìrókò*, vós ficareis meditando,
vós sereis duro contra alguém, vós provocareis acidentes para ele;
vós o agarrareis firmemente.
Vós dizeis, se subís sobre a árvore *iyá*,
rapidamente vós mandareis alguém para o além (vós o matareis).
Vós dizeis, se subís sobre a árvore *àsùrìn*,
toda coisa que queiram fazer, a fareis.
Se vós quiserdes trabalhar para a felicidade, vós trabalhareis para a felicidade.
Se vós quiserdes trabalhar para a infelicidade, vós trabalhareis para a infelicidade.
Todo o trabalho que vos agradar fazer sobre a *àsùrìn*, vós o realizareis.
Vós dizeis que se deixardes a árvore *àsùrìn*,
vós ficareis sobre a árvore *òbòbò*.
Vós dizeis se vós brigais com alguém, se ele vem vos suplicar,
se vós estiverdes sobre a árvore *òbòbò*, vós o perdoareis.
Vós dizeis, se o *òbòbò* é o chefe das árvores dos campos.
Se é a última árvore onde vós fareis vossa assembléia no mundo,
vós dizeis a árvore *àsùrìn*,
ele é vosso poder.

40. Vós dizeis se vós subirdes sobre a
árvore *àsùrìn*,
lá vós tereis o poder.
Toda coisa que vós quiserdes fazer para
alguém,
e todo o bem que vós quiserdes fazer a
alguém,
vós dizeis, se vós subirdes sobre a
árvore *àsùrìn*,
55. vós dizeis, é vossa árvore, não a
deixarão.
Vós dizeis, sobre todas as outras
árvores vós chegastes,
mas sobre a árvore *àsùrìn* vós fareis
vossa principal casa.
Quando fizerdes vossa casa sobre a
árvore *àsùrìn*,
quando vós chegardes lá,
60. vós aí cantareis então,
como Orumilá, que criou esta canção.
"Todas as *ẹlẹyẹ* sobem sobre a árvore
àsùrìn (repetir três vezes).
Vós tereis cantado assim.
Quando vós cantastes assim,
65. se quiserdes deixá-lo,
se disserdes, que ireis ao mar, assim
vós ireis ao mar,
se disserdes, que ireis à lagoa, assim
vós ireis à lagoa,
rapidamente vós chegareis lá.
Se disserdes que ireis sobre toda a
Terra,
70. se disserdes mesmo, vós ireis ao além,
rapidamente vós chegareis lá,
quando ficais sobre a árvore *àsùrìn*.
A árvore *àsùrìn* é o lugar onde as *ẹlẹyẹ*
obtêm seu poder.
Não é qualquer um que pode manter-se lá.

VII. *Òsá méjì*
Ìyàmi e o mito da criação do pano de Egum

1. *Òsá méjì* é rico.
Grito poderoso.
Barulho de sino (*ajija*) chega do além.
Ifá é consultado para *Odù*,
5. no dia em que ela vem do além para a
Terra.
Ifá é consultado para Obarixá,
no dia em que ele vem do além para a
Terra.
Ifá é consultado para Ogum,
no dia em que ele vem do além para a
Terra.
10. Estes três chegam aqui.
Odù somente é mulher entre eles.
Odù diz, você Olodumaré.
Ela diz, eles vão assim para a Terra.
Ela diz, quando eles tiverem chegado lá,
então o quê?
15. Olodumaré diz, eles irão para a Terra,
a Terra será boa.
Ele diz, todas as coisas que eles
queiram fazer, então,
ele diz, ela lhes dará o poder,
isto será então bom.
20. Ogum marcha à frente deles.
Quando Ogum marcha à frente deles,
Obarixá segue.
Quando Obarixá segue, *Odù* atrás.
Quando *Odù* vem atrás, ela volta.
Ela diz, você Olodumaré.
25. Ela diz, a terra onde eles vão assim.
Ela diz, Ogum,
ela diz, tem o poder dos combates,
ela diz, ele tem o sabre,
ele tem o fuzil,
30. ela diz, ele tem todas as coisas para
fazer a guerra.
Ela diz, Obarixá,
ela diz, ele também tem o poder.

Ela diz, com o poder que ele tem, ele
faz toda coisa que quer.
Ela diz, ela é mulher entre eles, ela é
Odù.
Ela diz, qual poder é o dela?
Olodumaré diz, qual é seu poder?
Ele diz, você será chamada, para sempre,
mãe deles.
Ele diz, porque quando vocês partem,
todos os três,
ela diz, você, a única mulher voltou.
Ele diz, a você, esta mulher, é dado o
poder
que faz dela mãe deles.
Ele diz, você, você sustentará a Terra.
Olodumaré lhe dá o poder.
Quando ele lhe dá o poder, ele lhe dá o
poder do pássaro,
ele lhe traz o poder de *ęlęyę* (dona do
pássaro).
Quando ele lhe trouxe o poder de *ęlęyę*,
Olodumaré diz, está bem.
Ele diz, esta cabaça de *ęlęyę* que ele
lhe trouxe,
ele diz, conhece ela seu uso sobre a
Terra?
Ele diz, que ela conheça seu uso sobre a
Terra.
Odù diz, ela a conhecerá.
Ela recebe o pássaro de Olodumaré.
Ela recebe então o poder que ela
utilizará com ele.
Ela parte.
Ela está no ponto de partir.
Olodumaré a chama para que volte de
novo.
Ele diz, está bom.
Ele diz, volte.
Ele diz, você *Odù*,
ela diz, volte.
Ele diz, quando ela chegará sobre a
Terra,
ela diz, como vai você utilizar os
pássaros,

e as forças que ele lhe deu?
Ele diz, como vai ela utilizá-las?
Odù diz, todas as pessoas que não a
terão escutado,
ela diz, ela as combaterá.
Ela diz, aqueles que não tiverem vindo
lhe pedir uma indicação,
(aqueles) que o tiverem feito,
que não ouvirem todas as coisas que ela
diga para eles,
ela diz, ela os combaterá.
Ela diz, aquele que se aproximar dela
para lhe pedir para ter dinheiro.
ela diz, ela lhe dará.
Ela diz, aquela que lhe pedir para parir,
ela diz, que ela lhe concederá.
Ela diz, se ela tiver dado a alguém di-
nheiro,
se ele se mostrar em seguida imper-
tinente com ela,
ela diz que o retomará.
Ela diz, se tiver dado a uma pessoa um
filho,
se ela se mostrar em seguida imper-
tinente com ela,
ela diz que o retomará.
Ela diz, toda a coisa que fizer para
qualquer um,
se ele se mostrar em seguida imper-
tinente com ela,
ela diz que o retomará.
Olodumaré diz, está bom.
Ele diz, não está mal.
Ele diz, utilize com calma o poder que
eu te dei.
Se ela o utilizar com violência, ele o
retomará,
e de todos os homens que te seguirão,
eu fiz de você mãe deles.
Toda coisa que lhes agrade fazer,
é coisa que eles deverão anunciar a
você *Odù*.
Depois daquele tempo Olodumaré deu o
poder à mulher,

porque aquela que recebeu então o poder
se chamava *Odù*.
Ele dá o poder às mulheres de dizerem
toda coisa que lhes agrade.
O homem não poderá fazer sozinho nenhuma
coisa na ausência da mulher.
Odù chega à Terra.
Quando eles chegam juntos na Terra,
todas as florestas que vêem, chamam de
florestas de Egum, a mulher entra nelas.
A que eles chamam de floresta de *Orò*, a
mulher entra nela.
Não haviam nenhuma proibição, naquele
tempo,
da mulher ousar entrar em qualquer
floresta.
ou que qualquer mulher não ousasse
entrar em qualquer pátio.
Se elas quiserem adorar Egum,
se elas quiserem adorar *Orò*,
se elas quiserem adorar todos os orixás,
a mulher os adora, naquele tempo.
Quando fazem assim o culto,
Ah! a anciã (*àgbà*) exagerou, ela caiu em
desgraça.
Ifá é consultado para *Odù*,
quando *Odù* chega sobre a Terra.
Heim! eles dizem, você *Odù*,
eles dizem, ela deve agir com calma,
que ela tenha paciência,
que ela não seja imprudente.
Odù diz, por quê?
Eles dizem, por causa do poder que
Olodumaré te deu,
eles dizem, para que as pessoas não
saibam a razão.
Odù diz, Ah,ai,ai,ai!
Ela diz, não tem nada.
Ela diz, eles não são capazes de saber a
razão.
Ela diz, somente ela foi à Olodumaré,
receber o poder, não estava na presença
dos outros que vieram à Terra com ela,

não estava, de jeito nenhum na presença
deles.
Quando eles falaram assim a *Odù*,
eles disseram que fizesse oferendas.
Odù diz, de maneira nenhuma!
Ela diz, ela não fará oferendas.
A oferenda para que a mulher receba o
poder de Olodumaré, ela a fez.
Mas ela não deve alegrar-se exagerada-
mente.
Ela é capaz de utilizar estas coisas
durante muito tempo.
As pessoas não podem estragar o que ela
tem em mãos.
As pessoas não podem conhecer a razão de
sua força.
Ela não fará oferendas.
Ela parte.
Ela tira (o pano de) Egum fora.
Ela tira *Orò* fora.
Todas as coisas; não há coisas que ela
não faça naquele tempo.
Obarixá vem, ele diz, hum!
É aquele ao qual Olodumaré confiou a
Terra.
Esta mulher enérgica vem tomar a Terra,
e o quintal (lugar de culto) de Egum,
e o quintal de *Orò*,
e o quintal de todos os orixás.
(Ele) não ousa entrar em nenhum.
Ah! esta mulher vem tomar a Terra.
Obarixá vai consultar (um) babalaô.
O babalaô que ele vai consultar,
É Orumilá que é consultado por ele na-
quele dia,
Orumilá, exatamente ele, vai consultar.
Ele diz que Orumilá examine, qual é a
sorte?
A mensagem enviada por Olodumaré é esta:
teria ele o mundo em suas mãos?
Ele entrega a mensagem com sucesso.
Nenhuma pessoa pode tomar o mundo de
suas mãos.
O mundo não estará perdido.

Como seria ele capaz de ser vitorioso?
Ele consulta Ifá.
Eles dizem que Oríxá deve fazer oferendas.
Eles dizem que então ele deve ser paciente.
Orumilá escolhe a oferenda de caracóis, naquele tempo.
Ele escolhe um chicote.
Ele escolhe oito shillings.
Orixá faz a oferenda.
Quando Orixá fez a oferenda,
Orumilá consulta Ifá para Orixá.
Ele diz, esta terra se tornará sua,
ele diz, mas deve ter paciência.
Ele diz, se ele tem paciência,
ele diz, a adoração se tornará sua.
Ele diz, aquela que carrega o poder da mulher,
ele diz, vai exagerar.
Quando ela tiver exagerado,
ele diz, ela se tornará sua serva, Orixá,
ela virá submeter-se a você.
Orixá compreende, terá paciência.
Todos os hábitos, os bons, os maus,
que *Odù* mostra na Terra,
com o poder que Olodumaré lhe deu.
Se ela diz a alguém para não ver seu rosto,
se ele vê o rosto, ela o torna cego.
Se ela diz que o olhar de alguém é mau sobre ela,
se ela diz que ela tenha dor de cabeça,
ela tem dor de cabeça,
se ela diz que ela tenha dor de barriga,
ela tem dor de barriga.
Toda coisa que Odù diz naquele tempo se realiza.
Quando chega o tempo, *Odù* diz, você Orixá,
ela diz, quando eles chegaram juntos à Terra,
ela diz, que ela e ele vão a um só lugar.
Ela diz, se nós estamos em um só lugar,

ela diz, toda a coisa que ela queria fazer,
ela diz, ela terá a oportunidade de lhe deixar, você Orixá,
ver toda a coisa que ela fizer.
Ela diz, porque com ele,
e Ogum, eles chegaram juntos do além.
Ela diz, mas eles escolheram Ogum para ser guerreiro.
Aquele que queria lhes fazer a guerra,
Ogum seria vitorioso.
Odù com Orixá devem morar em um só lugar.
No lugar onde eles chegaram juntos, eles habitam no mesmo lugar
O caracol que Orixá ofertou,
Orixá o toma, ele adora sua cabeça com ele.
Orixá adora sua cabeça com o caracol no lugar onde ele mora.
Quando Orixá terminou a adoração, ele bebe então a água (contida na concha) do caracol.
Quando ele bebeu a água do caracol,
ele diz, você *Odù*, quer também beber?
Odù diz, isto não faz nada.
Odù recebe água de caracol para beber.
Quando *Odù* bebeu a água do caracol, a barriga (o humor) de *Odù* acalmou-se.
No lugar em que seu humor se acalma,
Ela diz, ah! ela diz, você Orixá,
ela diz, ela conheceu através dele uma coisa deliciosa para comer.
Ela diz, a água do caracol é suave, o caracol é também suave?
Quando ela terminou de comer, ela diz, isto é bom.
Não lhe deram nunca coisa tão boa para comer como o caracol.
Ela diz, o caracol é o que devem lhe dar de comer.
Ela diz, o caracol exatamente que você Orixá come,
ela diz, devem lhe dar.
Orixá diz que lhe dêem caracóis

ele diz, mas seu poder, que você não me mostrou,
ele diz, é a única coisa que me entristece.
Ele diz, toda coisa, toda outra coisa que você possui,
ele diz, você ousa mostrá-las, você *Odù*.
Orixá fala assim.
Quando Orixá falou assim,
Odù diz, quando ela veio ficar com ele em um só lugar,
ela diz, toda coisa que ele faz, ele não lhe esconde nada.
Ela diz, toda coisa que ela faz, ela não enconde nada.
Ela diz, ele pode ver todos seus trabalhos e todos seus costumes.
Ela diz, ela mora com ele em um só lugar.
Obarixá diz, não está mal.
Quando Orixá disse não está mal, eles estão juntos.
Eles estão juntos, eles querem adorar Egum.
Odù traz as coisas com as quais ela adora Egum, ela as traz para o quintal de Egum.
Ela diz que Obarixá a siga.
Ah! Obarixá diz que ele está espantado.
Ela diz que ele a siga.
Obarixá segue.
Quando Obarixá segue (e) entra na floresta de Egum,
eles adoram Egum.
Quando eles adoram Egum, *Odù* cobre-se com o pano de Egum.
Mas ela não sabe como fazer o som (da voz) de Egum,
como fazem a voz de Egum, *Odù* não sabe.
Ela sabe somente cobrir-se com o pano,
ela sabe fazer as orações somente, como as pessoas.
Mas ela não sabe como se fala com a voz das pessoas do além.
Quando eles adoraram Egum,

Odù toma o pano, ela se cobre.
Ela faz os votos para uma pessoa que trouxe comida.
Quando ela terminou os votos, ela sai.
Quando ela saiu, ela e Obarixá,
chegou a hora deles irem para casa.
Obarixá vai no lugar onde está o pano.
O pano de Egum não tinha rede antes.
Orixá acrescentou a rede.
A rede com que Egum pode ver.
Egum tinha um pano comum naquele tempo.
Quando as mulheres faziam Egum o pano era comum.
Elas furavam a frente para que elas pudessem ver um pouco.
Não tinha rede, elas furavam a frente de Egum naquele tempo.
Mas quando Obarixá chega.
Obarixá vem acrescentar a rede.
Depois que eles chegam em casa.
Obarixá vai de novo no quintal de Egum.
Ele segura o pano de Egum, corta na frente, e coloca a rede.
Quando ele coloca a rede, ele se cobre com o pano de Egum.
Quando está coberto com o pano de Egum, ele toma na mão o chicote.
Tomando o chicote na mão,
(Ele não disse adeus a *Odù*,
nem disse que ele vai no quintal de Egum no lugar de onde ele sai).
Obarixá fala com a voz de Egum.
Ele fala com a voz de Egum, eles não distinguem sua voz.
Ele faz votos, eles não distinguem sua voz.
Aquele que quer adorar Egum diz hein!
ele diz ah!
Ele diz, Egum que ele adora é com efeito verdadeiro,
Ele diz, uma das pessoas do além veio sobre a Terra.
Ele pega o chicote na mão.

mas poderá dançar, ir ao encontro de Egum.
Quer dizer que se Egum vai fora,
ela dançará em frente dele,
ela dançará ao encontro de Egum no caminho.
Ela diz, a mulher fará somente isso,
ela diz, a mulher não ousará jamais entrar de novo no quintal.
Ela diz, a partir de hoje, é o homem que levará Egum para fora.
Ela diz, mas ninguém, nem crianças, nem velhos, poderão zombar da mulher,
ela diz, a mulher tem poder demais sobre a Terra.
Ela diz mais, a mulher nos pôs no mundo.
Ela diz, todas as pessoas são nascidas da mulher.
Ela diz, todas as coisas que as pessoas queiram fazer,
e elas não são ajudadas pelas mulheres,
ela diz, não poderão fazê-las.
(É a) razão pela qual os homens não podem fazer nada sobre a Terra,
se eles não o obtiverem das mãos das mulheres.
Eles cantam.
Obarixá canta também.
Quando chega o quinto (dia), eles fazem (a festa da) semana.
Ele diz que todos os cantos a que cantarão serão estes,
vindos (do odu de *ifá*) *òṣá méjì*.
Ele diz, eles saúdam as mulheres.
Ele diz, se eles saúdam as mulheres,
a Terra estará tranqüila.
Eles cantam assim:
"Vós dobrais o joelho, dobrai o joelho para as mulheres.
A mulher vos pôs no mundo, assim somos seres humanos.
A mulher é a inteligência da Terra,
dobrai o joelho para a mulher.

A mulher vos pôs no mundo, assim somos seres humanos".

VIII. *Òṣá méjì*
A cólera de ìyàmi **contra Oxalá**

Ele se mantém em pé por vós.
Ele se mantém em pé por vós.
Ele se mantém em pé por vós (três vezes)
Maus ruídos *oyo* que eles batem com um bastão.
Má palavra *ògbígbí* que eles batem com uma pedra.
Má comida, o morcego vomita pela boca,
excreta pela boca.
Ifá é consultado por Oxalá *Òsèrèmàgbò*,
no dia que ele vai tirar água no rio das *ẹlẹyẹ*.
Ifá é consultado para as *ẹlẹyẹ*,
no dia que elas não comem mais o algodão do Orixá.
Quando chegou a hora de Orixá plantar seu algodão,
ele encontra as *ẹlẹyẹ* que colhem este algodão e o comem.
Ele as previne para não colherem nunca mais este algodão e comê-lo.
Elas não roubarão mais nenhuma coisa.
Quando elas chegaram na Terra,
as mulheres não recolheram nenhuma coisa junto a Olodumaré.
No início da Terra,
onde elas vão para fazer todas as coisas as mulheres pedem,
qual é o poder que elas terão?
Olodumaré diz, os homens tomaram todo o poder.
Não há mais poder.
Quando eles chegaram na Terra
os homens enganaram as mulheres,
eles as tratavam sem seriedade,
eles não lhes diziam a verdade.
Elas vão junto de Olodumaré.
dizer seus sofrimentos,

elas não recebem nenhum quinhão,
Olodumaré diz, ele lhes fará um favor.
Ele lhes dará a força
que será acima daquela dos homens,
e de seu poder e de seus trabalhos.
Ele entregará esse poder a elas, em suas mãos.
As *àjẹ́* o utilizarão de todas as maneiras.
Quando elas chegam à Terra, não há rios.
Todos aqueles que se tornariam rios, não eram rios naquele tempo.
Água de pântano onde vivem caranguejos, água redonda como poço.
Eles utilizavam a água de poços naquele tempo.
As *ìyàmi* tinham então um rio.
Elas o chamavam *Olóntókì*, esta água não secava nunca.
Elas tomavam conta.
Orixá estava no caso seguinte:
ele criava as pessoas com água fresca.
Porque ele criava as pessoas,
Orixá ia roubar a água delas.
Quando elas começaram a ver que lhe roubavam água
elas vigiaram a água.
No tempo que elas faziam a ronda, elas encontram Orixá.
Quando elas encontram Orixá,
elas dizem, saúde a você, Orixá.
Orixá diz, saúde.
Elas dizem, é você que vai roubar nossa água todos os dias assim?
Elas começaram a perseguir Orixá de longe.
Elas o perseguiram até a casa de Egum.
Egum diz, poupai-o, perdoai-o.
Elas dizem, elas são capazes de te pegar, você, Egum.
Elas dizem, todos os teus panos (de Egum), elas vão tomar e engolir.
Elas dizem, todo teu poder, iremos engolir.

Egum rápido empurra (Orixá) fora.
Ele foge, ele chega na casa de Ogum.
Ogum diz, poupai-o.
Elas dizem, teu dinheiro, nós iremos tomá-lo e engolí-lo.
Todos os teus instrumentos de ferro, tuas tenazes, iremos pegá-los e engolí-los.
Todo teu trabalho, nós iremos pegá-lo e engolí-lo.
Ogum, rápido, empurra (Orixá) fora.
Ele se afasta.
Ele chega na casa de Orumilá.
Elas dizem, você Ifá,
elas dizem, elas são capazes de pegar todas as tuas nozes e engolí-las.
Elas dizem, teus *òpèlè*, elas vão pegá-los e engolí-los.
Ele diz, nada mal.
Ele diz, que elas entrem na casa.
Orumilá traz dezesseis pratos de *èkuru* (feijão cozido).
Ele traz para elas.
Ele traz diversos tipos de sangue, sangue de cabra, sangue de galinha, sangue de carneiro.
Ele reúne todos esses sangues juntos.
Ele lhes traz sangue de touro.
Ele lhes dá de beber.
Bem! se elas têm muita dificuldade quando bebem água,
o sangue é o que elas bebem, é o que lhes foi trazido, e elas beberam.
Elas dizem Orumilá lhes fez uma recepção assim,
elas perdoam verdadeiramente.
Mas todas as coisas que elas queiram ter, elas virão pedí-lo.
Orumilá diz, se um outro oferece, se alguém oferece, se uma outra pessoa oferece,
toda coisa que vós (*ìyàmi*) recebeis em mãos.

ele diz, vinde pedí-la, ele (Orumilá) a receberá por vós.
Orixá vem com um coração calmo.
Ele diz, você Orumilá, muito obrigado pelo favor.
Que coisa posso te dar assim rapidamente?
Ele não tem nada na mão,
a não ser o facão que ele trouxe aqui.
Que tome o facão.
Ele o dá a Orumilá.
É o facão que os babalaôs chamam *àdásà*.
Eles o utilizam junto a Ifá como *ìrọ́kẹ́*.
Eles chamam este facão *àdásà*.
Orumilá começa a bater o facão aos pés de Ifá.
Orumilá escuta toda a coisa que ele diz.
"Este é o facão de Orixá, este é o facão de Orixá.
O facão está em minha mão, este é o facão do Orixá."

IX. *Ìrẹ́tẹ́ ogbè*
Como *Odù* chegou a ser a esposa de Orumilá

Que você pisoteie a mata.
Que eu pisoteie a mata.
Que nós pisotiemos a mata juntos.
Ifá é consultado por *Odù*.
Eles dizem, *Odù* veio do além para a Terra.
Quando ela chegou à Terra,
eles dizem, você, *Odù*, esta é sua partida.
Olodumaré lhe dá um pássaro.
Ela pega este pássaro para ir para a Terra.
Aragamágo é o nome que Olodumaré dá a este pássaro.
Aragamágo é o nome que tem este pássaro de *Odù*.
Ele diz, você *Odù*,
ele diz, toda incumbência onde ela o enviará, ele a fará.

Ele diz, para o lugar onde ela gostaria de enviá-lo, ele iria.
Ele diz, se era para fazer o mal,
ele diz, se era para fazer o bem,
ele diz, toda coisa que ela gostaria dizer para fazer, ele a fará.
Odù traz este pássaro para a Terra.
Odù disse que nenhuma pessoa podia vê-la,
ela diz para não olhá-la
se um inimigo de *Odù* a olhasse,
ela lhe quebraria os olhos (ela o cegaria),
com o poder desse pássaro ela lhe estouraria os olhos.
Se um outro de seus inimigos quisesse olhar dentro da cabaça deste pássaro,
esse pássaro *Aragamágo* lhe furaria os olhos.
Ela utiliza esse pássaro assim.
Ela o utiliza até chegar na casa de Orumilá.
Orumilá vai consultar seus babalaôs.
Ele vai consultar: "Se nós ensinarmos a inteligência a alguém, sua inteligência será inteligente".
"Se nós ensinarmos a estupidez a alguém, sua estupidez será estúpida."
Os babalaôs da casa de Orumilá consultam Ifá para saber o dia em que ele tomará *Odù* por esposa.
Orumilá é assim, terá *Odù* por esposa.
Os babalaôs de Orumilá dizem, ah!
Eles dizem, *Odù*, quem você quer ter para esposa,
eles dizem, um poder está entre as mãos dela.
Eles dizem, para este poder Orumilá fará uma oferenda no chão,
por causa de todas estas pessoas.
Eles dizem, que com seu poder ela não o mate e coma,
porque o poder desta mulher é muito maior que o de Orumilá.

40. Eles dizem que Orumilá faça rapidamente esta oferenda no chão.
Eles dizem as coisas que Orumilá preparará sobre no chão.
Eles dizem que Orumilá tenha um rato *òkèté*.
Eles dizem que ele tenha um rato.
Eles dizem que ele tenha um peixe.
45. Eles dizem que ele tenha um caracol
Eles dizem que ele tenha óleo.
Eles dizem que ele tenha oito *shillings*.
Orumilá faz a oferenda.
Quando Orumilá fez a oferenda, eles consultam Ifá para ele.
50. Orumilá leva a oferenda fora.
Na chegada de *Odù*, ela encontra a oferenda na rua.
Ah! quem veio fazer esta oferenda sobre no chão
Ah! Exu diz, Orumilá fez esta oferenda no chão,
porque quer esposar-te, a você Odù.
55. *Odù* diz, nada mal.
Todos aqueles que *Odù* traz atrás dela, são coisas más.
Ela diz que eles todos comam.
Odù abre assim a cabaça de *Aragamágo*, seu pássaro, no chão.
Ela diz que ele coma.
60. *Odù* entra na casa.
Quando ela entrou na casa, *Odù* chama Orumilá.
Ela diz, você Orumilá.
Ela diz, ela chegou.
Ela diz, seus poderes são numerosos,
65. ela diz, mas ela não deixará que lhe combatam.
Ela diz, que ela não quer brigar com você, Orumilá.
Ela diz, mesmo se alguém pedisse sua ajuda para combater você,
ela diz, ela não combaterá você,
porque *Odù* diz, eles não farão sofrer Orumilá.

70. Porque se eles quisessem fazer sofrer Orumilá.
Odù com seu poder e o poder de seu pássaro combateria aquelas pessoas.
Quando *Odù* terminou de falar assim,
Orumilá diz, nada mal.
Eles vão então chegar.
75. No momento chegado, *Odù* diz, você, Orumilá,
ela diz, aprenda rápido a minha proibição.
Ela diz, ela quer lhe dizer sua proibição.
Ela diz, ela não quer que suas outras mulheres,
lhe vejam o rosto.
80. Ela diz, que ele diga a todas as suas outras mulheres,
ela diz, que elas não lhe olhem o rosto.
Aquela que olhasse seu rosto, veria sua batalha.
Ela diz, que ela não quer que ninguém lhe veja o rosto.
Orumilá diz, nada mal.
85. Ele chama então todas as suas mulheres.
Ele as previne.
As mulheres de Orumilá não lhe olharão o rosto.
Odù diz a Orumilá que,
ela diz, ela vem com você fazer seu fardo tornar-se benfazejo.
90. Ela diz, que ela vai consertar toda coisa.
Ela diz, toda a coisa que ele queira estragar, ela não o consertará.
Ela diz, se ele conhece sua proibição,
ela diz, todas as suas coisas serão completamente boas.
Aquele que queira então estragá-las,
95. ela não deixará que nada seja estragado.
Se *osó* (o bruxo) quer estragar,
ela diz, ela não o deixará fazer.
Que ele próprio será então estragado.

Ela diz, nenhuma *àjẹ́* é capaz de estragar uma coisa de Orumilá.
Ela diz, que Orumilá não brinque com ela.
Ela diz, todas as coisas, completamente, serão boas.
Ela diz, que ela não lutará com Orumilá.
Ela não lutará com as pessoas.
Ela diz que Orumilá sabe as incumbências que ele quer enviá-la a fazer,
Ela diz, se ele manda uma mensagem para fazer alguém sofrer,
se ele quer enviá-la, ela entregará (a mensagem).
O poder de seu pássaro,
se alguém quiser fazer sofrer Orumilá,
somente beliscá-lo, *Odù* partiria para lá brigar.
Orumilá diz heim! você, *Odù*.
Ele sabe que você é importante.
Ele sabe que você é superior a todas as mulheres do mundo.
Ele não gracejará com você, jamais.
Todos seus filhos que são babalaôs,
ele os previne para que não ousem jamais gracejar com você,
porque Odù é o poder dos babalaôs.
Ele diz, se o babalaô possui ifá,
Ele diz, ele tem também *Odù*.
Ele diz, o poder que então *Odù* lhe dá diz que
todas as mulheres perto dele não ousarão olhar o rosto dela.
Depois deste dia, todos os babalaôs são completos,
nenhum que não possua esta *Odù*.
Aquele que não possuir esta *Odù* não poderá consultar ifá.
No dia que ele tem *Odú*.
naquele dia ele se torna alguém que *Odù* não deixa no sofrimento.

X. *ọ̀ṣẹ́ ọ̀yẹ̀kú*
Igbádù

Aquele que ofende morre com a morte do culpado,
Olà, *Ọ̀ṣẹ́'yẹ̀kú*.
Ifá é consultado para *Odù*,
que diz que se senta sobre seu *apèrè*[1].
Eles dizem, você, *Odù*, que se senta sobre seu *apèrè*,
eles dizem, faça uma oferenda.
Ela diz, porque deveria ela fazer uma oferenda?
Eles dizem, por causa de seus filhos,
você faz uma oferenda.
Eles dizem que *Odù* ofereça dez ovos de galinha.
Eles dizem que ela prepare dez caracóis.
Eles dizem que ela prepare dois mil (búzios) (5 shillings).
Odù faz a oferenda.
Quando *Odù* fez a oferenda,
Ifá é consultado para ela, *Odù* que se senta sobre seu *apèrè*,
Eles dizem, você, Odù,
eles dizem, ela ficará velha, ela ficará uma pessoa velha.
Eles dizem, vai ser dito que sua cabeça será toda branca,
que ela ficará muito velha.
Eles dizem que ela ficará no mundo,
que ela não vai morrer rapidamente,
você, *Odù*.
Quando *Odù* não morre rapidamente,
Odù está com boa saúde.
Quando o tempo passa, *Odù* se torna muito velha.
Eles devem pedir a palavra a *Odù*.

1 Caixa sobre a qual se senta o babalaô quando vai consultar o Ifá e que é também onde se guarda o Igbadú. É sagrado e é secreto. Diz a tradição que aquele que olhar dentro perde a visão.

Até quando irá sua idade avançada?
Odù não sabe mais nada.
Pode ser que ela tenha ouvido a palavra que eles disseram?
Pode ser que ela não tenha ouvido a palavra que eles disseram?
Quando chegou a hora, *Odù* chama todos seus filhos.
Ela diz, a velhice chegou sobre ela.
Ela diz, se eles querem lhe pedir a palavra,
ela diz, ela vai procurar uma coisa que a substitua, à qual eles possam pedir a palavra.
Odù vai.
Odù retorna,
ela vai para chamar todos os seus companheiros juntos.
Naquele tempo *Odù* está com a cabaça.
Seus conselheiros pensam juntos a palavra que a cabaça virá dar.
Eles são quatro (conselheiros).
Aquele que vem neste dia é Obarixá.
Depois de ter chamado Obarixá, ela chama *Obaluaê*.
Depois de ter chamado *Obaluaê*, ela chama também Ogum.
Quando ela terminou de chamar Ogum, ela chama também Odudua.
Odudua é então o quarto dentre eles.
Odù diz que ela está sentada sobre seu *apèrè*.
Odù diz que ela tornou-se muito velha.
Odù diz que ela deseja ir no lugar onde vão os velhos.
Ela diz, a coisa que ela lhes pede.
Ela diz, se alguém quer partir, ele deve falar com sua gente,
dizer que ela quer partir.
Eles dizem, ah!
Eles dizem que ela não parta.
Eles dizem, o lugar de onde eles falaram,
estes quatro olharam então para a mata,

assim eles viram a cabaça coberta de excremento.
Quando eles viram a cabaça coberta de excremento,
Obarixá diz a Ogum para ir colher a cabaça.
Ogum colhe então a cabaça, ele colhe quatro.
Obarixá diz a Ogum para cortá-las.
Ogum corta as cabaças.
Obarixá diz para dar uma a Odudua,
que Ogum dê também uma a Xapanã (Obaluaê).
Ogum diz que são cabaças deles que ele corta.
Quando Ogum cortou as cabaças,
ele corta suas cabaças em quatro caminhos.
Ogum diz que cortou.
Odù diz, juntos batemos no peito com nossas mãos (a união faz a força).
Ela diz, ela quer que toda sua gente,
que eles metam a mão (aceitem) em sua partida,
que eles metam a mão (aceitem) na coisa decidida.
Que os filhos e os filhos de seus filhos,
que eles peçam a palavra que ela vai dizer.
Quando ela assim falou.
Obarixá ama o *ẹfun* (pó branco).
Obaluaê ama o *osun* (pó vermelho).
Ogum ama o carvão,
Odudua ama a lama.
Obarixá pega a cabaça de *ẹfun*.
Ele diz, a cabaça de *ẹfun*.
Ele diz, ele a traz para ela, *Odù*..
Ele diz que ela a coloque com seu *apèrè*.
Ele diz, se seus filhos lhe fazem o culto, que eles o invoquem,
ele diz, assim eles farão o culto da cabaça de ẹfun.
Ele diz, ele a traz para ela, *Odù*.

Ele diz, todas as coisas que eles
pedirem a esta cabaça,
ele diz, esta cabaça as fará por eles,
ele diz, Obarixá não os combaterá,
ele diz, porque ele e ela, *Odù* são uma
só coisa.
Ele diz Obarixá a dá a *Odù*.
Obaluaê pega o *osùn*,
no *osùn* onde ele esfrega seu corpo.
Ele o leva para a cabaça.
Ele diz, você esta cabaça,
ele diz, ela tornou-se cabaça dela (de
Odù) hoje.
Ele diz, todas as coisas que seus filhos
pedirão,
elas todas eles as receberão.
Se for dinheiro que eles pedirem,
que então ele o fará por eles.
Aos apelos que seus filhos farão,
ela responderá do interior desta cabaça,
porque ela tornou-se velha.
Ele fala assim.
Odù aceita, isto se torna duas cabaças.
Ogum também traz a cabaça de carvão.
Ele traz a cabaça para *Odù*.
Ele diz, você, *Odù*,
ele diz, eis a cabaça de carvão.
Ele diz, todas as coisas com as quais
eles farão o culto de sua cabaça,
ele diz, eles adorarão também esta
cabaça que ele te dá.
Ele diz, seus filhos não vão morrer na
infância.
Ele diz, eles não envelhecerão no
sofrimento.
Odù aceita, isto se torna três cabaças.
Odudua também traz a cabaça de lama.
Ele a traz para ela.
Odudua diz que eles adorem esta cabaça
de lama com o *apèrè* de *Odù*.
Com as cabaças que os outros orixá
trouxeram a *Odù*.
Odù aceita, isto se torna quatro cabaças.

Estas quatro cabaças são as que todos
eles adoram.
Eles dizem, os quatro cantos do mundo
estão nas quatro cabaças.
Odù diz, se seus filhos adoram *apèrè*,
que é sua,
eles a adoram assim.
Ela diz, as coisas que eles lhe dizem
para fazer, ela as fará no bem.
Ela diz, se eles adoram a cabaça de
efun, que é de Obarixá,
que eles venham adorá-la lá também, ela
responderá.
Ela diz, se eles adoram a cabaça de
osùn, ela responderá.
Ela diz, se eles adoram a cabaça de
carvão, ela responderá.
Ela diz, se eles adoram a cabaça de
lama, ela responderá.
Ela diz, mas se eles tiverem agora
trazido o *apèrè*,
ela diz, vocês, todos seus filhos, é
ela que adorais,
que queiram vir a adorar num só corpo
que ela coloca dentro deste *apèrè*.
Desde aquele tempo, com sementes de kola
brancas e sementes de kola vermelhas,
eles adoram *Odù*.
Se eles sabem que eles querem entrar no
seu quarto,
que eles vão adorá-la,
eles tiram água "de calma",
eles esfregam os olhos.
A água "de calma" com que esfregam os
olhos naquele dia
é de folha *òdúndún*, folha *tètè*, folha
rínrín, limo da costa (karité), caracóis.
Eles os esmagam na água.
Quando alguém já esfregou os olhos com
isso,
ele pode entrar na casa de *Odù*,
ele pode ir ver *igbádù*.
Eles chamam *apèrè*, *igbá Odù*.
Eles chamam *apèrè*, a casa de *Odù*.

Ah! Ireis abrir o *apèrè igbádù*, olhai.
Odù colocou suas coisas lá antes de morrer.
Ela diz que seus filhos vêm adorá-la,
no corpo da cabaça que ela colocou no *apèrè*.
Eles vão adorar *Odù* naquele lugar.
Depois deste dia, nós adoramos *Odù* no interior do *apèrè*.
Se o babalaô quer adorar ifá,
se ele vai na floresta de ifá,
se ele não adorou anteriormente *Odù* no *apèrè*,
não fez nada.
Ifá não sabe que ele veio adorá-lo,
ele não sabe que ele se tornou seu filho.
Ele diz que todos os seus filhos que têm vindo na floresta de ifá,
eles adoram de novo *Odù* sua mulher, no *apèrè*.

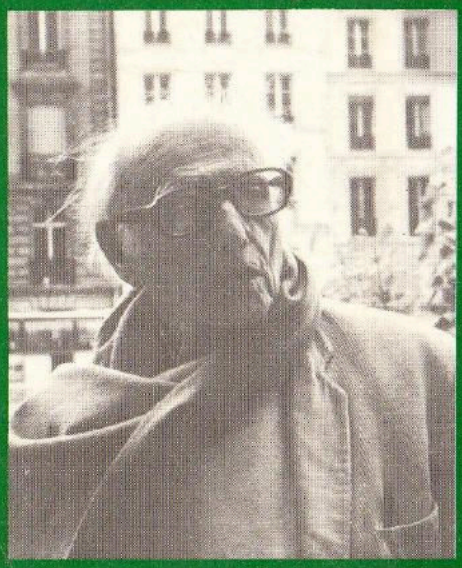
Orîkì

1. *Iyàmi Oṣòròngà.*

Ẹleyẹ com uma boca redonda.
Pássaro *àtíòro* que desce docemente.
(Eles se reúnem para beber o sangue) voa sobre o teto da casa.
(Passando da rua) colocou no mundo
(Come desde a cabeça, eles estão contentes).
(Come desde a cabeça, eles estão contentes) colocou no mundo (Chora como uma criança mimada).
(Chora como uma criança mimada) colocou no mundo *ajẹ́*.
Quando *ajẹ́* veio ao mundo
ela colocou no mundo três filhos.
Ela colocou no mundo "Vertigem"
Ela colocou no mundo "Troca a sorte"
Ela colocou no mundo "Esticou-se fortemente morrendo".
Ela colocou no mundo estes três filhos
Assim eles não têm plumas.

O pássaro *akó* lhes deu as plumas.
Nos tempos antigos,
elas dizem que elas não gratificam o mal no filho que tem o bem.
Eu sou vosso filho tendo o bem,
não me gratificai o mal.
Vento secreto da Terra.
Vento secreto do além.
Sombra longa, grande pássaro que voa em todos os lugares.
Noz de coco de quatro olhos,
proprietária de vinte ramos.
Obscuridade quarenta flechas (É difícil que o dia se torne noite).
Ela se torna pássaro *olọngọ* (que) sacode a cabeça.
Ela se torna pássaro untado de *osùn* muito vermelho.
Ela se torna pássaro, se torna irmã caçula da árvore *akòko*.
(A coroa sobe na cabeça) segredo em Ìdo.
A rã se esconde em um lugar fresco.
Mata sem dividir, fama da noite.
Ela voa abertamente para entrar na cidade.
Vai à vontade, anda à vontade, anda suavemente para entrar no mercado.
(Faz as coisas de acordo com sua própria vontade).
Elegante pássaro que voa no sentido invertido de barriga para cima.
Ele tem o bico pontudo como a conta *esuwu*.
Ele tem as pernas como as contas *sègi*.
Ele come a carne das pessoas começando pela cabeça.
Ele come desde o fígado até o coração.
O grande caçador.
Ele come desde o estômago até a vesícula biliar.
Ele não dá o frango para ninguém criar,
mas ele toma o carneiro para junto desta aqui.

HOMENAGEM AOS 90 ANOS DE PIERRE VERGER



Verger, como é chamado por seus amigos, ou Fatumbi, como foi rebatizado no candomblé, com as honras e os deveres de babalaô no antigo Daomé (hoje Benin), escolheu a fotografia como meio de expressão plástica de uma sensibilidade peculiar e um poder de observação metódico - duas entre as características que o consagraram como mestre entre membros de culturas tão distantes entre si como a religião de Ifá, no golfo do Benin; o meio científico-acadêmico parisiense, de quem recebeu o título de doutor sem ter ultrapassado os bancos do *Liceu* ; e os maiores nomes da fotografia, nos últimos 60 anos.

Um elo de ligação e compreensão entre os vários mundos em que vivemos - esse o maior papel da incrivelmente fértil vida deste fotógrafo dos sete instrumentos.

Igor Veltman